



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS ERECHIM  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**VALDECIR LUÍS HOHNSEE**

**NAZISMO NOS PAMPAS: A PROPAGANDA NACIONALISTA ALEMÃ E  
A IMPRENSA NO RS (1930-1945)**

**ERECHIM  
2018**

**VALDECIR LUÍS HOHNSEE**

**NAZISMO NOS PAMPAS: A PROPAGANDA NACIONALISTA ALEMÃ E  
A IMPRENSA NO RS (1930-1945)**

Trabalho de conclusão de curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de  
grau de Licenciado em História da  
Universidade Federal da Fronteira Sul.  
Orientador: Prof. Dr. Fábio Francisco Feltrin  
de Souza.

ERECHIM  
2018

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Hohnsee, Valdecir Luís  
NAZISMO NOS PAMPAS: A PROPAGANDA NACIONALISTA ALEMÃ  
E A IMPRENSA NO RS (1930-1945) / Valdecir Luís Hohnsee.  
-- 2018.  
81 f. : il.

Orientador: Doutor Fábio Francisco Feltrin de Souza.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
História-Licenciatura, Erechim, RS, 2018.

1. Propaganda nazista. 2. Governo Vargas. 3. Segunda  
Guerra Mundial. I. Souza, Fábio Francisco Feltrin de,  
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.  
Título.

Valdecir Luís Hohnsee

“ Nazismo nos pampas: a propaganda nacionalista alemã e a imprensa no RS (1930-1945)”

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Fabio Francisco Feltrin de Souza

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

Banca examinadora:

  
Prof. Fabio Francisco Feltrin de Souza

  
Prof. Débora Clasen de Paula

  
Prof. Mairon Escorsi Valério

*Dedico este trabalho a todos os imigrantes alemães e italianos do Rio Grande do Sul que foram perseguidos pelo governo Vargas, a minha família, em especial ao meu falecido avô e seus pais imigrantes alemães, que viveram essa repressão.*

## **AGRADECIMENTOS**

Esta fase da minha vida é muito especial e não posso deixar de agradecer a algumas pessoas por toda força, ânimo e coragem que me ofereceram para ter alcançado minha meta.

À Universidade quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

Aos professores, reconheço um esforço gigante com muita paciência e sabedoria. Foram eles que me deram recursos e ferramentas para evoluir um pouco mais todos os dias. Em especial ao meu orientador, professor e amigo Fábio Feltrin, pelos ensinamentos, conselhos, por aceitar me guiar nessa pesquisa e acima de tudo, pela amizade.

É claro que não posso esquecer da minha família e amigos, porque foram eles que me incentivaram e inspiraram através de gestos e palavras a superar todas as dificuldades. Em especial a Débora Dallastra, pelo incentivo desde o início, na inscrição do ENEM, na matrícula na UFFS, pela paciência em me ouvir nas minhas “loucuras” e pelo suporte que sempre me ofereceu, ou seja, por ser um porto seguro para mim.

E por fim, as pessoas que de uma alguma forma me ajudaram a acreditar em mim, eu quero deixar um agradecimento eterno, porque sem elas não teria sido possível.

*Quem luta com monstros deve velar por que, ao fazê-lo, não se transforme também em monstro. E se tu olhares, durante muito tempo, para um abismo, o abismo também olha para dentro de ti.*

*(Friedrich Nietzsche, 2005, p. 139)*

## RESUMO

Da década de 1930 até meados dos anos de 1945, o mundo viveu, sob a liderança de Adolf Hitler, uma efervescência de ideologias nazistas que atingiram seu ápice com o extermínio sistemático de milhões de judeus, ciganos, homossexuais, entre outros. O Brasil, no mesmo período, tinha à frente do governo Getúlio Vargas, que em determinado período compartilhou destes ideais, tendo, posteriormente, se unido a causa aliada. Por meio da propaganda massiva, ambos se firmaram no poder e espalharam seus ideais. O presente trabalho tem por objetivo analisar a propaganda difundida no período e o papel fundamental que ela possuiu na legitimação das ações contra imigrantes alemães no Brasil, com ênfase do estado do Rio Grande do Sul. Através da observação e análise da propaganda divulgada nos meios de comunicação do período – jornais e rádios – e com base nos escritos de Ana Maria Dietrich, René Gertz e outros, serão observados os métodos utilizados para manipular os sentimentos da população a ponto de justificar e legitimar ações consideradas impróprias em outros tempos. Para tanto, a discussão envolverá os aspectos formadores do ideal nacionalista e seus perigos, os instrumentos utilizados para sua propagação e o papel fundamental da imprensa para a divulgação de ideologias de massa, apresentando as movimentações sociais resultantes destas ações.

**Palavras-chave:** Nacionalismo. Nazismo. Propaganda. Repressão. Estado Novo.



## ABSTRACT

From the 1930s to the mid-1945s, the world experienced, under the leadership of Adolf Hitler, an effervescence of Nazi ideologies that reached their apex with the systematic extermination of millions of Jews, Gypsies, homosexuals, among others. Brazil, during the same period, had the Vargas government, which in a given period shared these ideals, and later joined the allied cause. Through mass propaganda, both established themselves in power and spread their ideals. This paper aims to analyze the propaganda spread during the period and the fundamental role it played in legitimizing actions against German immigrants in Brazil, with an emphasis on the state of Rio Grande do Sul. Through the observation and analysis of the propaganda divulged in the media communication of the period - newspapers and radios - and based on the writings of Ana Maria Dietrich, René Gertz and others, will be observed the methods used to manipulate the feelings of the population to the point of justifying and legitimizing actions considered improper in other times. To this end, the discussion will involve the formative aspects of the nationalist ideal and its dangers, the instruments used for its propagation, and the fundamental role of the press in disseminating mass ideologies, presenting the social movements resulting from these actions.

**Keywords:** Nationalism. Nazism. Advertising. Repression. Estado Novo.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1. As Leis de Nuremberg. ....	27
Figura 2. O Globo, março de 1942. ....	35
Figura 3. Deutscher Morgen, março de 1932. ....	40
Figura 4. Cabeçalho do periódico alemão publicado em Ijuí. ....	43
Figura 5. “O governo alemão denunciou as cláusulas militares do Tratado de Versalhes”. Jornal Correio do Povo, 11 de março de 1935. ....	47
Figura 6. Correio do Povo, 23 de março de 1938. ....	48
Figura 7. Receptor simples utilizado na Alemanha no início das transmissões radiofônicas. .	51
Figura 8. “O Brasil em Estado de Guerra”, jornal Correio do Povo, edição de 1º de setembro de 1942. ....	59
Figura 9. Soldados no front. Jornal O Globo. Fonte: Acervo O Globo. ....	61
Figura 10. Correio do Povo. 22 de fevereiro de 1945. ....	62
Figura 11. “Venceu a democracia e a liberdade”. Jornal “Correio do Povo”. Caxias do Sul, 19 de maio de 1945. ....	63
Figura 12. Anúncio do programa O Brasil na Guerra (1943). ....	66
Figura 13. Anúncio do programa A Marcha da Guerra (1943) . ....	67

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 O NACIONALISMO ALEMÃO: SUAS ORIGENS E A TRANSPOSIÇÃO DO ATLÂNTICO .....</b>	<b>19</b>
2.1 ORIGENS DO NACIONALISMO .....	19
2.2 O PARTIDO NAZISTA NO PODER .....	25
2.3 FASCISMO À BRASILEIRA .....	30
<b>3 NAZISMO EM FOCO: INSTRUMENTOS DE DIFUSÃO.....</b>	<b>37</b>
3.1 DE ALEMÃO PARA ALEMÃO .....	39
3.2 JORNAIS BRASILEIROS A SERVIÇO DO <i>REICH</i> .....	44
3.3 AS RÁDIOS DO <i>FÜHRER</i> .....	49
<b>4 IMPRENSA DE GUERRA: O NOVO SOLDADO DE VARGAS .....</b>	<b>54</b>
4.1 A GUERRA NO PAPEL .....	58
4.2 SONS DO FRONT .....	64
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICE .....</b>	<b>80</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“[...] os últimos dois séculos da história humana do planeta Terra são incompreensíveis sem o entendimento do termo “nação” e do vocabulário que dele deriva. “*  
*(Erick Hobsbawm, 2013, p. 9)*

Com o término da Primeira Grande Guerra, a Alemanha devastada e dividida, apresenta-se como um terreno fértil para novos ideais: o que fora praticado até o momento levava o país a derrota na guerra e, com isso, ao caos social. Nesse cenário de inflação e, em decorrência disso, de fome, desemprego e muitas vezes miséria total da população, surge uma esperança “no fim do túnel”, uma possibilidade de reerguer o país para que este voltasse a ser uma potência. O povo, desiludido, se agarra a este novo ideal e não se importa com as consequências geradas sobre a vida de milhões de pessoas – judeus, ciganos e outros –, principalmente quando os alemães começam a perceber que o seu país estava se reerguendo, voltando a ser a potência que outrora o fora (REES, 2013, p. 37).

Ao retroceder um pouco mais ao passado, é possível observar uma Prússia que, após a queda de Napoleão, se reergue e, em pouco tempo, passa a se destacar no cenário mundial, não somente pela indústria, mas também com seus pensadores e intelectuais distribuídos em vários ramos, desde a filosofia com Nietzsche, até a música com Wagner. Através disso, o povo cria laços fortes com base em sua língua e raça começando, desde aí, a fortalecer seus laços com o nacionalismo, que posteriormente, no século XX, Hitler viria a se apropriar e, com base neste ideal, levaria o mundo a dias sombrios.

Todavia, este período de destaque mundial, citado acima, não duraria para sempre. Com a derrota na Primeira Guerra, a crise se instalou no país, agravando-se em grandes proporções com a queda da bolsa de valores de Nova York em 1929, levando o outrora sublime e grandioso país, a um estado de total miséria e desemprego. Nesse momento começaram a surgir boatos e lendas de que a derrota na guerra e a crise no país eram atribuídas a pequenos grupos, supostamente monopolizadores de dinheiro, tais como judeus, bolcheviques e socialistas do SPD<sup>1</sup>. Essas lendas existiam desde 1919, como uma tentativa de justificar a derrota na guerra, porém, ganharam força conforme a crise interna aumentou e, de

---

<sup>1</sup> O Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) é um partido político alemão, sendo um dos partidos dominadores da cena política alemã. Sua história é centenária, já que é o partido mais antigo em funcionamento, tendo completado, em 2015, cento e quarenta anos de existência. Foi impiedosamente perseguido durante o Terceiro Reich (1933-1945) e, na antiga Alemanha Oriental, foi obrigado pelas forças de ocupação soviéticas a se fundir com os comunistas. É filiado à Internacional Socialista.

certa forma, se tornaram a justificativa alemã para a aceitação do partido nazista já que, segundo eles, essa nação superior somente poderia sucumbir pela traição desses grupos que, conforme o pensamento alemão, desejavam assumir a Alemanha para si.

Foi neste contexto de nação desmoralizada e sedenta pelo “retorno de sua superioridade”, que surgiu o Partido Nacional-Socialista comandado por Adolf Hitler: se aproveitando do momento de crise que a Alemanha estava vivendo e apresentando-se com um discurso nacionalista e conservador que seduziu o povo alemão. O povo, por sua vez, passou a ver em Hitler a salvação dos problemas e aderiu em massa a essa ideologia; ideologia esta que nada mais era do que a mesma vivida antes da Primeira Guerra: um discurso etnicista e de superioridade racial, intelectual e industrial (GINSBERG, 2014, p. 49).

Além de sua oratória executada com maestria, Hitler contava com Goebbels seu ministro da propaganda, que fazia uso de todos os meios e recursos possíveis para disseminar a ideologia nazista para todo o povo alemão, não somente para os que se encontravam no território alemão, mas também para os milhares que estavam espalhados ao redor do mundo, plantando e irrigando a semente nazista em seus corações, conclamando a todos a se unirem e lutarem por uma Alemanha melhor, maior e mais forte, a exemplo do seu passado mítico de glórias.

Um fator que muitas vezes passa despercebido para a sociedade, é a característica de formador de opinião que a imprensa desempenha ou desempenhou. Os governos ao perceberem essa característica, fazem uso de forma massiva desde veículo. Esse aspecto é muito perceptível em governos totalitários, que usam a imprensa para legitimar sua autoridade e dominar a população, além de implantar o uso de uma forte censura a essa imprensa, permitindo a divulgação somente do que é ideologicamente aceitável para o regime. É visível a importância que a imprensa teve e ainda tem, na construção de ideias e na dominação de uma determinada sociedade.

Hitler tinha um interesse especial na propaganda, pois sabia da sua importância e de como ela poderia ser utilizada para atingir seus objetivos, sendo possível perceber esse sentimento em seu livro “*Mein Kampf*”, onde ele afirma que a propaganda tem a força de doutrinar povos inteiros, além de transformar ideias em fatos concretos, legitimando-as, transformando-a assim, em um importante recurso modelador de mentes e corações (p. 539). Hitler dedicou à propaganda impressa dois capítulos de seu livro e, além de atribuir a derrota na Primeira Guerra a uma imprensa fraca que não soube desempenhar o seu papel, ele ainda afirmou que o objetivo dessa mídia era atingir os corações da população em geral e, para isso, era necessária uma escrita fácil e não acadêmica (HITLER, 1925, p. 121-122).

Desta forma, o objetivo do nazismo era assegurar que a mensagem nazista fosse espalhada através da arte, música, teatro, filmes, livros, rádio, material educacional e imprensa, não só no país natal, mas também ao redor do mundo. O ministro da propaganda nazista, Joseph Goebbels, tinha duas tarefas principais: assegurar que ninguém na Alemanha tivesse acesso a materiais contrários aos ideais do Partido Nazista e garantir que as suas ideias fossem expostas da maneira mais persuasiva possível.

Essa obsessão nazista por controlar a imprensa se deve as características de formar e moldar opiniões que ambas possuem. Como explica Hannah Arendt, a imprensa tem o poder de transformar mentiras em verdades e vice-versa, desenhando um cenário do acordo com a vontade de quem a domina (1979, p. 64). Além disso, o jornal e o rádio acabam chegando a toda a população, independentemente do local e da classe social; dentre estes dispositivos, o rádio tem maior influência para a população, pois encena, de forma simbólica, discursos com o objetivo de criar sensações e a falsa ilusão de pertencimento a um local e a vida política de uma nação (LENHARO, 1986, p. 40-41). Por este motivo, o *Führer* juntamente com Goebbels, intensificaram a propaganda e a divulgação através de jornais, telejornais, cinema, documentos, entre outros.

Goebbels percebendo a importância da mídia impressa e sua influência na vida das pessoas, se utilizou deste recurso em prol da ideologia nazista, fundando e financiando jornais em vários países – cerca de oitenta e três países distintos – onde, segundo a historiadora Ana Maria Dietrich, as filiais eram comandadas por Berlim, que lhes enviava o material a ser veiculado nas mídias locais. No Brasil, o público alvo desse material foram os imigrantes alemães e seus descendentes que, por não encontrarem aqui uma política nacional para imigrantes, não se identificavam como brasileiros, mas sim, como alemães. É possível identificar esse sentimento nas várias colônias de imigrantes espalhadas pelo país.

A propaganda nazista também foi intensa na América Latina, México e Estados Unidos e, através dela, o *Reich* alemão se consolidava cada vez mais. Muitos historiadores afirmam que essa era uma manobra política para Hitler conquistar a América, pois uma invasão militar além do oceano não se constituía em uma manobra simples e, para isso, os imigrantes alemães eram de suma importância. De fato, posteriormente, com a derrota da Alemanha na guerra, se consolidou uma onda de nazistas se refugiando em países latino-americanos e, em muitos casos, sendo acolhidos e protegidos pelo povo local (GINSBERG, 2014, p. 115).

Para que se compreenda melhor o poder desta propaganda, é possível compará-la com as atuais *Fake News* e a influência que elas exercem sobre a sociedade em geral. Essas

*Fake News*, bem como as propagandas do período nazista, são amplamente divulgadas e possibilitam que mentiras se tornarem verdades. Desta forma, é possível perceber que a propaganda é a base dos regimes totalitários e constitui um importante dispositivo de captura das pessoas que estão incluídas nessas sociedades. Como o próprio Joseph Goebbles afirmava, “uma mentira repetida mil vezes, acaba se tornando uma verdade”, ainda mais se esta atinge, como no caso dos imigrantes brasileiros, pessoas que estão à margem do governo de seu país.

Em momentos de caos e esquecimento social, o ser humano tende a se apegar a “salvadores da pátria”, que possuem a habilidade de manipular os sentimentos de desespero, desilusão e desigualdade social presente nas pessoas, tirando o máximo de proveito desses sentimentos para seu próprio benefício (REICH. 1974, pág.38). Esses “salvadores” tem a habilidade de dialogar com os instintos mais selvagens do ser humano, ou com o ID freudiano, fazendo esse, por sua vez, ser dominado, garantindo que os planos dos “salvadores” possam ser colocados em prática, sem a resistência da sociedade, mas também como a sua aprovação e auxílio (REICH. 1974 pág. 40).

Assim, a propaganda se mostrou um eficaz dispositivo de captura dos corpos, especialmente nas colônias do Sul do Brasil, uma vez que as crianças, desde de cedo, eram influenciadas pelas escolas presentes nas colônias (DIETRICH, 2007, p. 245) e ao entrarem na adolescência, também entravam para a juventude hitlerista que se fez presente em novo estado nesse período (DIETRICH. 2007, p. 276). Os jovens, alvos preferidos de Adolf Hitler – que declarava que as crianças e os jovens eram o futuro da nação e deveriam, desde de cedo, serem ensinados de forma correta (1925, p. 234) – aceitavam esses ideais a ponto de, ao estourar a Grande Guerra, irem a Europa lutar ao lado do *Führer* defendendo as suas ideologias, que para estes jovens soldados eram as suas próprias verdades. Desta forma, estes jovens recebiam treinamento paramilitar, além de todo tipo de instrução física e psicológica, visando torna-los o “super-homem” do *Führer*, já que, a grande maioria, não possuía os critérios de sangue para se tornar um ariano puro, devido a sua miscigenação.

Esse “super-homem” era motivo de orgulho para o regime e motivo de inquietação das demais nações, tanto que nas Olimpíadas de 1936 na Alemanha, o exército brasileiro formou uma equipe de oficiais e os enviou para a competição com o objetivo de descobrir como e quais eram as técnicas utilizadas pelos nazistas para a formação deste “super-homem”. Segundo o general da reserva Roberto Pessoa, que na época era tenente e recebeu a chefia da

operação, em entrevista ao Globo Esporte<sup>2</sup>: “[...] nossa missão era descobrir os meios utilizados por Hitler no treinamento dos seus atletas e soldados, e implanta-los aqui no Brasil”; de acordo com o general, muito do que foi aprendido na Alemanha ainda é praticado não só pelo exército brasileiro, mas também pelos exércitos de vários países.

De volta às colônias alemãs, no Brasil, através de um sentimento de não pertencimento, a vida seguia um ritmo diferente do restante do país. Ali era cultivado tanto um dialeto derivado da língua alemã, quanto a adoração aos heróis do Terceiro *Reich*. Por esse motivo, os colonos têm nos jornais uma importante fonte de informações sobre a sua terra natal. Os nazistas, ao perceberem isso, passaram a usá-los de forma intensa para levar a esses colonos toda sua ideologia, fazendo com que “um novo país” começasse a nascer dentro do Brasil.

Nas colônias do sul do país, a propaganda feita através dos jornais atingia os colonos alemães, devido ao fato destes serem alfabetizados, principalmente na língua materna, ou seja, a alemã. A alfabetização tinha forte influência da crença protestante dos imigrantes e as características da mesma, que deixava como responsabilidade do chefe da família a leitura e o estudo das escrituras sagradas, enquanto o resto da sociedade de fé católica não possuía essa característica, pois, neste caso, quem ficava a cargo da leitura e estudos da bíblia era a igreja. Este fator ajuda a explicar os níveis de alfabetização da população brasileira (DRIETRICH, 2007, p. 267).

Como um dos únicos meios de chegar até a população alemã presente no Rio Grande do Sul era através dos jornais, o nazismo criou uma rede complexa, contando com a SS e a GESTAPO, para divulgarem, em jornais locais, suas doutrinas, além de criarem em São Paulo, em 1932, o *Deutscher Morgen*<sup>3</sup>, considerado a voz oficial do Terceiro *Reich* no Brasil, tendo sido publicado entre 16 de março de 1932 e dezembro de 1941, conforme afirma a historiadora Ana Maria Dietrich (2007, p. 296). A autora também destaca que as matérias veiculadas nas colunas do jornal vinham diretamente da Alemanha e eram produzidas ou autorizadas pelo ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels, conforme já citado.

Por ser escrito em idioma alemão, o *Deutscher Morgen* atingiu as comunidades alemãs presentes no Brasil, já que essas mantinham viva a língua da sua terra natal, sendo que muitos nem sabiam falar o português e se comunicavam exclusivamente em alemão. Para conseguir atingir os imigrantes que aqui chegaram há muito tempo, jornais locais como o

---

<sup>2</sup> Programa televisivo da Emissora Globo, foi ao ar em 17 de janeiro de 2010.

<sup>3</sup> Aurora Alemã.



Correio do Povo, o Correio Serrano, também eram utilizados pelos nazistas, bem como, financiados pelo partido.

O Brasil se tornou o país com o maior número de alemães filiados ao Partido Nazista fora da Alemanha, contando com cerca de 2.900 membros em suas fileiras espalhados por dezessete estados, atuando entre os anos de 1928 e 1938 (DIETRICH, 2007, p. 69). Contudo, eram aceitos somente imigrantes alemães natos; descendentes de imigrantes não podiam fazer parte do partido, já que Berlim os considerava impuros.

O nazismo ganhava forças fomentando revoltas e intrigas entre o povo. Há relatos de perseguições à judeus em solo brasileiro, atentados à jornais e órgãos públicos no período. Era possível encontrar também comunidades e escolas alemãs onde era falado somente o dialeto alemão e os heróis nacionais eram substituídos pelos heróis do *Reich*.

Entretanto, quando Getúlio Vargas entrou na guerra, ao lado dos aliados, a realidade alemã brasileira sofreu uma reviravolta drástica, pois Vargas colocou na clandestinidade todos os partidos políticos e a Polícia Política Varguista passou a perseguir os membros nazistas, por todo o território brasileiro. Os nazistas, até então “caçadores” se tornaram a caça e, muitos foram mandados para campos de concentração criados por Vargas, colocando assim, um fim à ameaça nazista no Brasil.

Essa virada política no Brasil se deu por diversos fatores, dentre os quais a parceira econômica com os Estados Unidos, que foi muito lucrativa para o país e para o projeto nacional do governo Vargas, garantindo a influência na perseguição aos imigrantes; além disso o governo que tinha um viés político e ideológico semelhante ao nazista, desejava também a criação de uma nação forte e superior às demais. Por este motivo, não foram poupados esforços para fazer propaganda brasileira em massa, aos moldes do regime nazista (LENHARO, 1986, p. 49).

A presença americana em território nacional se deu, em especial, através do cinema hollywoodiano, já que estes possuíam conhecimento da grande concentração germânica e da influência que a mesma tinha sobre os povos alemães e italianos em todos os aspectos sociais (MOURA, 1984, p. 14). Essa presença americana no Brasil foi decisiva em um momento de grande agitação e polarização político-ideológica especialmente pela criação da AIB<sup>4</sup> que tinha características fascistas, além de grupos no interior do país, que defendiam soluções políticas pelo uso da força (MOURA, 1984, p. 27-28).

---

<sup>4</sup> Ação Integralista Brasileira.

A AIB e o movimento comunista no Brasil foram fundamentais para a implantação do Estado Novo, pois Vargas contou com o apoio da AIB para o golpe e se utilizou de uma suposta ameaça comunista para sua consolidação em 1938, legitimando também o uso da força por Getúlio Vargas; entretanto, apesar da influência americana e cooperação entre ambos, Vargas também detinha a mesma política de cooperação com a Alemanha nazista, o que não agradava em nada os norte-americanos (MOURA, 1984, p. 42). Essa política varguista é considerada por vários estudiosos como uma política oportunista, enquanto outros veem Vargas como o maior político de todos os tempos (MARIANTE, 2016, p. 16).

É através desta política de “oportunismo” que Vargas conduz o país durante esse período de grande nebulosidade no mundo, quando o totalitarismo atingiu seu ápice, e vários países enfrentaram regimes autoritários, com grande ou total cerceamento das liberdades individuais, e repressão a “inimigos” forjados para autorizar essa repressão.

Através de uma análise dos jornais e programas radiofônicos do período é possível observar como os imigrantes alemães foram utilizados nesse jogo de poderes de governantes mundiais. Colonos, homens simples que vieram para o Brasil atrás do “sonho americano”, se encontraram largados e perdidos, abandonados pelo governo que nada ou pouco fez por eles. Ao perceber o sentimento de desolação dessas famílias, líderes do movimento nazista alemão, estabeleceram estratégias para divulgar o ideal de vida alemã.

Através dos jornais e do rádio, o movimento nazista brasileiro se difundiu, ganhou adeptos em todo território nacional e em especial, na região Sul do país. Com o fim da Segunda Grande Guerra, o mal do nazismo teve fim, contudo, é necessário observar que essas ideologias continuam vivas servindo como base para o neonazismo, embora seu movimento presente no Rio Grande do Sul, não tem exatamente a mesma ideologia do nazismo da década de 1930, pois o mesmo se adaptou às especificidades da atualidade (GERTZ, 2012, p. 36), entretanto, o mesmo é responsável pela perpetuação do ódio e extremismo contra as minorias no estado.

O mau nazista ainda se faz presente e está bem vivo na sociedade atual. Segundo dados da polícia civil do Rio grande do Sul<sup>5</sup>, existem cerca de 42.000 pessoas simpatizantes a ideologia nazista, na atualidade, no estado. E de acordo com antropóloga e pesquisadora da Unicamp Adriana Dias (2007, pág. 3), no Brasil entre 2002 a 2009 os sites e blogs que divulgam material de cunho nazista tiveram um aumento de 170% de visitas nesse período, passando dos 7.600 para 20.502. Ainda, segundo a antropóloga, os estados do Sul –

---

<sup>5</sup> Disponível em: < <http://www.policiacivil.rs.gov.br/conteudo/16307/delegado-realiza-palestra-sobre-neonazismo-na-associação-israelita-hebraica->>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul – tem cerca de 105.000 simpatizantes do neonazismo.

Com esses dados, é possível perceber a importância de falar e debater sobre o assunto, ainda vivo e presente na sociedade brasileira. Desta forma, é fundamental que se conheça suas origens para assim, entender como essa ideologia funciona, para que se evite que os horrores da Segunda Guerra ganhem vida mais uma vez.

Para compreender como o nazismo conquistou a Alemanha, é necessário entender como o nacionalismo surgiu, através da Revolução Francesa em 1789, e serviu de base para que Adolf Hitler atingisse os seus objetivos na década de 1930. Desta forma, a sequência deste trabalho buscará, em um primeiro momento, discutir esta ideologia que em muito se confunde com patriotismo.

A ideologia nacionalista transpunha as fronteiras da Alemanha e se espalhava como rastilho de pólvora por vários países ao redor do mundo. Ao chegar ao Brasil, esses ideais se mesclaram com a ideologia do movimento integralista, alcançando Gustavo Barroso – um dos líderes do movimento integralista – que se apropriou desta ideologia, principalmente no que diz respeito à construção de um país forte, puro e antisemita.

Até que ponto a ideologia nazista influenciou a do integralismo e como os descendentes alemães a receberam e a aceitaram no Brasil? Estaria o povo brasileiro tornando-se um espelho da Alemanha? Serão dispostas e analisadas, a seguir, algumas hipóteses para o surgimento e disseminação do nacionalismo, não só na Alemanha, mas também no mundo.

A partir do momento que Hitler ascendeu ao poder, o mesmo formou um grupo de pessoas leais a ele e a ideologia nazista. Este grupo tinha o objetivo de espalhar os ideais da ideologia, não só dentro da Alemanha, mas também ao redor do mundo, para assim legitimar as futuras ações do *Führer*.

Para o ministério da propaganda, Hitler escolheu Joseph Goebbels, que percebeu a relevância dos meios de comunicação – rádio, jornal, cinema, entre outros – para a promoção do nazismo pelo mundo de forma exaustiva. No Brasil, mais especificamente no Rio Grande do Sul, a propaganda feita pelo partido nazista se confundiu, em alguns períodos e momentos, com o movimento integralista que surgira ali, por isso elas foram veiculadas lado a lado em vários meios de comunicação.

O objetivo do segundo capítulo é apresentar a propaganda exposta nos jornais do período: quais vinham da Europa diretamente para o país e quais eram produzidas em solo nacional; como elas mostravam o *Führer* de forma quase messiânica, e tentavam legitimar

todas suas ações em prol do povo alemão, não só da Alemanha, mas os imigrantes que se espalharam pelo mundo.

Entretanto, com o Estado Novo implantado por Vargas em 1938 e o controle das mídias pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), surgiu um novo tipo de propaganda que em muito se assemelhava com a feita até o momento pelos nazistas. Vargas adotou os mesmos conceitos de Hitler e passou a divulgar materiais de propaganda exaltando o governo e denunciando supostos “inimigos” do Brasil.

Isto se intensificou a partir do momento em que o Brasil assinou uma aliança política-militar com os EUA. A Alemanha não aprovou esta medida do governo Vargas e passou a afundar navios brasileiros. As ações alemãs deram a Vargas o pretexto perfeito para declarar guerra ao Eixo e intensificar a propaganda local.

Para compreender um pouco o movimento político de Vargas e a sua propaganda em plena guerra, serão analisados, em um terceiro momento, como e por quais meios esta era desenvolvida, além de como a propaganda de guerra foi fundamental para a criação de um novo “outro” ou “inimigo” para que o governo firmasse, no imaginário popular, que sua permanência no poder era fundamental para o combate deste “inimigo”, independente das medidas que seriam tomadas.

## 2 O NACIONALISMO ALEMÃO: SUAS ORIGENS E A TRANSPOSIÇÃO DO ATLÂNTICO

*“Patriotismo é quando o amor por seu próprio povo vem primeiro;  
Nacionalismo, quando o ódio pelos demais povos vem primeiro”*

*(Charles de Gaulle, 1969)*

### 2.1 ORIGENS DO NACIONALISMO

O sentimento de nacionalismo surgiu após a Revolução Francesa e representa uma definição de nação, ou seja, uma ideologia que tem por finalidade construir uma identidade cultural e social para um determinado povo. Esta ideologia surge nos movimentos populares revolucionários que se erguiam contra o domínio imperialista, monárquico e religioso e com o apoio da burguesia, que era limitada pelo rei e a igreja. Todavia, após a Revolução Francesa, esta ideologia foi posta de lado visto que a burguesia havia atingido seus propósitos.

Facilmente é confundido o nacionalismo com o patriotismo, porém, o patriotismo tem por definição o amor aos símbolos da Nação tais como a Bandeira, o Hino, o Brasão de Armas, enquanto o nacionalismo apresenta a nação como uma entidade política, cultural e étnica (HOBSBAWM, 2011, p. 63-64) e, isso leva ao etnocentrismo, muito comum entre as nações do mundo todo que desejam criar seu país a partir de uma supremacia étnica ou através de um mito fundador para, dessa forma, legitimar-se como nação superior às outras (HOBSBAWM, 2011, p. 165).

Isso, de muitas formas, se tornou algo perigoso e destruidor. Um exemplo claro desse aspecto é a supremacia racial alemã adotada na Alemanha nazista de 1933 a 1945, quando Adolf Hitler ascendeu ao poder. Através da ideologia racial, milhões de judeus foram mortos durante a Segunda Grande Guerra.

Ao analisar a obra *“Tristan und Isolde”*<sup>6</sup> de Richard Wagner, Nietzsche mostra como o povo alemão era visto através da cultura musical e como isso contribuía para a formação da nação alemã. Os alemães eram sempre retratados por Wagner como um povo muito difícil de ser compreendido por outros povos.

Para Nietzsche, o povo alemão é um misto do povo glorioso do passado que está sempre à frente dos outros e não juntos; não vivem o hoje com todos. Para o alemão, o hoje é o futuro, o amanhã dos demais povos.

---

<sup>6</sup>Tristão e Isolda.

Indo mais além nas obras de Richard Wagner, tais como as óperas “*Die Walküre*”<sup>7</sup>, e “*Siegfried, Götterdämmerung*”<sup>8</sup>, é perceptível que Wagner explora a mitologia alemã e descreve façanhas e feitos heroicos do povo, além de instigar o ouvinte a realizar estes feitos novamente. Suas sinfonias têm características de sempre levar a frente e inspirar um sentimento de grandiosidade para quem as ouve, como se nada pudesse deter o povo alemão. Este aspecto também pode ser percebido nas sinfonias de Ludwig von Beethoven, pois ambos compõem dessa forma magistral, despertando um sentimento em seu público.

Entretanto, não foi somente a música que possibilitou o surgimento do nacionalismo alemão; esse foi somente mais um instrumento para que o sentimento de supremacia se firmasse na cultura desse povo. Datar ao certo o surgimento do nacionalismo alemão pode não ser possível, porém, pode se dizer que ele deve ter surgido durante a Reforma Protestante com Martinho Lutero que, ao traduzir a Bíblia do Latim para o alemão, começou a formar a identidade alemã através da escrita e da difusão da língua. Essa escrita passou a ter mais influência após o surgimento da imprensa e Johannes Gutenberg, que levou a todos os alemães sua língua na forma escrita, proporcionando ao povo um caráter de superioridade sobre outras nações (GINSBERG, 2013, p. 178).

A religião luterana, por possuir um caráter baseado no individualismo, levou os alemães a se alfabetizarem e, com isso, começarem a ler na sua língua materna livros traduzidos e produzidos pela imprensa de Gutenberg, que variavam desde a tradução da Bíblia, feita por Lutero, até livros de romances, científicos e de mitologia. Dessa forma, o povo evoluiu culturalmente e começou a produzir conhecimento e a se engrandecer perante a Europa.

Contudo, esse avanço foi detido quando Napoleão invadiu a Prússia. Após a derrota de Napoleão e o fim de sua era, o povo alemão sentia necessidade de se refazer e de ressurgir novamente como um povo grandioso e glorioso, pois não poderia ser fraco, tendo um passado como o que eles possuíam. Com isso, aos poucos, baseados em seu passado de glórias, novamente a Prússia ressurgiu no cenário europeu e passou a adquirir características nacionalistas com base na etnia, na língua, na cultura e na sua história e foi moldando com isso, a ideologia de nação superior.

Com um rápido avanço industrial e crescimento populacional, a Prússia recuperou a vantagem que tinha ante a Europa e acabou superando-a com o tempo. Todavia, a Prússia não se destacava somente no setor industrial, mas também com seus pensadores, intelectuais e sua

---

<sup>7</sup> A Valquíria.

<sup>8</sup> Crepúsculo dos Deuses.

música, marcada por Wagner e Beethoven, que tiveram um papel importante nesse levante alemão prussiano, pois semearam novamente o sentimento de superioridade no povo e concretizaram uma marcha rumo ao futuro, com passos rígidos e rápidos.

Essa nova Prússia forte e determinada, assustou a todos os países, enquanto a França tentava impedir esse avanço. Porém, após guerrear com a França, a Prússia saiu vitoriosa e em 1862 se unificou, criando o império alemão. O Chanceler Otto von Bismarck foi o responsável pela unificação alemã, que aconteceu em Versalhes no dia 18 de janeiro de 1871 e que teve como seu primeiro líder o *Kaiser*<sup>9</sup> Guilherme I da Prússia, possuidor de uma ideologia política conservadora.

Da sua unificação, até a derrota de 1918 na Primeira Guerra Mundial, o nacionalismo alemão se desenvolveu juntamente com a sua tecnologia, que é destaque no cenário mundial, chegando ao ponto de ter o título de país mais desenvolvido no período. O campo da produção de conhecimento não ficou para trás; inúmeros estudiosos se destacaram na produção científica de ordem política, histórica e social, e a cada livro produzido, a cada tese escrita, o povo se enchia de orgulho por viver em um lugar como aquele. A sensação de superioridade foi se enraizando a cada dia.

Esse sentimento de superioridade deve-se, em grande parte, a grande gama de filósofos, historiadores e outros intelectuais que se destacaram na Alemanha desde os tempos do Império Prussiano e que influenciaram, não só aquele povo, mas garantiram que suas ideias rompessem as fronteiras e se difundissem pelo mundo. Esta produção de conhecimento científico teve raízes em uma história voltada para o futuro, ou seja, uma produção científica progressista.

Johann Wolfgang Goethe (2007, p. 45) afirmava que “aquele que sabe guardar, proteger e conservar terá sempre, no fim, a melhor parte”. Através desta afirmação, é possível observar que, já no século XVII, iniciava-se um movimento progressista que criava expectativas de um futuro glorioso; desta forma, todas as ações praticadas no presente eram mobilizadas para sua obtenção.

No entanto, Goethe não estava sozinho. Hegel, por exemplo, era um dos que compartilhavam sua perspectiva. Este último rejeitava concepções cíclicas ou lineares da história, propondo uma concepção teleológica e dialética. De acordo com ele, a história da Humanidade, entendida como o progresso da liberdade, seria governada pela razão.

---

<sup>9</sup> Imperador.

A história corresponderia, portanto, para Hegel (2011, p. 78), à trajetória da razão em direção à liberdade consciente do espírito universal encarnado no Estado, ainda que este dever histórico não se constitua mediante uma sucessão harmoniosa de acontecimentos, mas pela constante geração e superação de contradições e conflitos. Este pensamento de Hegel influenciou um grande número de estudiosos do período<sup>10</sup>.

Através deste conceito progressista, Hegel e Goethe influenciaram grupos como a *Junges Deutschland*<sup>11</sup>. Desta forma, é possível perceber uma longa trajetória da cultura alemã com ideais voltados para o futuro, que no início voltava-se para o futuro prussiano e, depois da unificação, para o futuro da jovem nação alemã.

Além disto, as ideias iluministas foram de fundamental suporte para a formação do pensamento alemão no século XIX, pois elas representavam o desligamento da igreja perante o Estado, ou seja, a separação entre a fé, a política e a razão. Desta forma, o pensamento filosófico alemão esteve presente no cenário mundial desde muito cedo, em muitas vezes sendo o precursor de teorias e correntes filosóficas. Este fator, por si só, acaba gerando na população um “ar de superioridade” diante do resto do mundo.

O despertar deste sentimento de superioridade pode ser verificado em todas as partes e de todas as formas, e a prova disso é o hino alemão escrito em 1841 por Hoffmann von Fallersleben também conhecido como *Deutschlandlied*<sup>12</sup> que, na sua primeira estrofe, destaca a resistência e a união do povo ante as adversidades e frente ao mundo<sup>13</sup>.

Entretanto, o povo atônito, viu seu império cair em 1918 e a população não soube mais o que fazer e para onde ir. Nesse momento, seus heróis do passado não faziam mais sentido e suas ideologias e sentimentos nacionalistas tampouco. Torna-se incompreensível ao povo a nova situação imposta no momento: a inflação e o desemprego tomaram conta do país e se agravaram em 1929 com a crise da bolsa de valores que atingiu gravemente a população. Foi nesse momento que começaram a surgir boatos e lendas de que a derrota na guerra e a crise no país era atribuída a pequenos grupos tais como judeus, bolcheviques e socialistas. Essas lendas existiam desde 1919 como uma tentativa de justificar a derrota na guerra, porém,

---

<sup>10</sup> Strauss, Bauer, Feuerbach, Stirner, Marx, Dilthey, Bradley, Dewey, Kojève, Hyppolite, Hans Küng, Fukuyama, Žižek.

<sup>11</sup> Jovem Alemanha. Foi um movimento de escritores alemães que existiu de 1830 a 1850. Era, essencialmente, uma ideologia da juventude que produziu diversos poetas, pensadores e jornalistas, os quais reagiram contra a introspecção e particularismo do Romantismo na literatura nacional, o que resultou em uma separação total da literatura a partir das realidades da vida. O movimento romântico foi considerado apolítico, sem o ativismo que a inteligência florescente da Alemanha necessitava.

<sup>12</sup> Canção da Alemanha.

<sup>13</sup> Alemanha, Alemanha acima de tudo/Acima de todo mundo/Quando sempre na defesa e resistência/ Fica unida fraternalmente/Do Mosa ao Nemen/Do Ádige ao Belt/ Alemanha, Alemanha acima de tudo/Acima de todo mundo.



ganharam força conforme a crise interna aumentou e, de certa forma, se tornaram a justificativa alemã já que, segundo eles essa nação superior somente poderia sucumbir pela traição desses grupos que, no pensamento alemão desejavam assumir a Alemanha para si (OLIVEIRA, 2015, p. 35).

Neste contexto de nação desmoralizada e sedenta por retomar seu desenvolvimento surgiu o Partido Nacional-Socialista e Adolf Hitler aproveitou-se do momento de crise em que a Alemanha estava vivendo e, se apresentou com um discurso nacionalista e conservador que seduziu o povo alemão; este, por sua vez, passou a ver em Hitler a salvação dos problemas e aderiu em massa e essa ideologia, que nada mais era do que a vivida antes da Primeira Guerra, um discurso etnicista e de superioridade racial, intelectual e industrial.

Com uma oratória magistral e dono de um discurso que o povo desejava ouvir, Hitler se firmou na política e passou a ser visto como um herói que, a exemplo de Otto von Bismarck, que unificou o império, iria trazer novamente glória à nação e, a cada pronunciamento, ele ganhava novos seguidores a sua causa. Nesse momento o povo desejava e ansiava por uma Alemanha nos moldes do passado e faria o impossível para atingir o objetivo, sem se importar com as consequências disso.

Através de seus discursos, com inspiração na música de Wagner que exaltava a mitologia e os heróis, Hitler pregava a supremacia racial, além de conceitos que, segundo ele, iriam levar os alemães à glória mundial. A aceitação do povo a esse discurso se devia também, em grande parte, a propaganda massiva feita pelo partido nazista, a qual serve de inspiração, até os dias atuais, para vários artistas elaborarem sua arte. A ideologia racial do alemão ariano como ser superior foi retratada em várias pinturas, tais como “Família de camponeses de Kalnberg” de Adolph Wissel (1939) e “Esportes aquáticos” de Albert Janesh (1936). A primeira retratava a união familiar e mostrava o homem ariano, enquanto a segunda, além de representar a superioridade física, retomava o espírito de coletividade do povo.

Com desfiles militares monumentais, construções grandiosas e discursos inflamados, Hitler instaurou o nacionalismo nas pessoas, porém ele sabia que somente isso não iria elevar o povo a superioridade desejada por todos, mas Hitler conseguiu restaurar a economia e controlar a inflação, que era astronômica no período, além de remilitarizar a Alemanha pois, de acordo com ele, *“Männer kämpfen Tieren, eine Nation, die eine Gemeinschaft von*

*Kämpfern ist, ist eine Einheit de Kampf und jeden Wohn Organisation, die Kämpfe zu beenden, findet seine Zerstörung*”<sup>14</sup> (HITLER, 1925, p.66).

O ideal nacionalista se espalhou pela Alemanha e deu a seu líder poder para concretizar seus planos que acabaram por desencadear a Segunda Grande Guerra e todo o horror vivido no período. Todavia, o povo que via em Hitler seu messias, o seguia incondicionalmente e fazia vista grossa a seus horrores. Somente o melhor servia aos alemães e foi isso que Hitler lhes forneceu; um exército, uma força aérea e uma marinha estruturada e com superioridade bélica que, atualmente, poderia ser comparada às forças armadas dos Estados Unidos.

Com medo que o povo se desviasse ou perdesse o entusiasmo, Hitler procurava sempre lembrar a nação dos seus heróis, de sua superioridade e de como a Alemanha deveria ser vista pelo mundo. Um exemplo disso é o encouraçado Bismarck, orgulho da marinha de Hitler, por ter sido o maior e mais bem equipado navio de guerra do período, além de que plantava o medo no inimigo.

O povo alemão, sempre esteve ligado à sua história e ela mostra que o nacionalismo sempre fez parte da vida alemã, como se procurasse afirmar as suas ações. Todo o passado alemão é marcado por essa ideologia de superioridade, que se comprovou a medida que a Alemanha assumiu destaque e era a inspiração para o desenvolvimento científico e intelectual a ser seguido por todos. Para isso era necessário pensar no futuro, no amanhã; tudo era sempre produzido visando o futuro ideal. Ao analisar isso, é possível observar que desde Fichte, ou ainda antes, até mesmo com Lutero e sua Reforma, até Adolf Hitler, a Alemanha não mudou sua ideologia nacionalista de superioridade.

A questão racial alemã e europeia estão ligadas a uma história produzida pelo domínio europeu sobre as várias nações ou colônias no mundo, onde os nativos eram escravizados e suas riquezas eram saqueadas pelos seus conquistadores. Para legitimar a superioridade europeia, várias pesquisas foram feitas para diferenciar uma raça de outra e entender porque alguns poderiam ser escravizados e serem chamados de escória da sociedade. Hegel apresenta na Filosofia da História que “entre os negros os sentimentos morais são bastante fracos, ou mais estritamente falando, inexistentes” (2002, p.45), com isso, ele procura justificar seu preconceito e deixa subentendido que um povo sem valores morais ou nacionais não existe ficando à mercê de seus conquistadores.

---

<sup>14</sup> “Os homens são animais de briga, a nação que for uma comunidade de lutadores, é uma unidade de luta e qualquer organização viva que deixe de lutar, encontra sua destruição”

A Alemanha foi uma nação que levou muito a sério o seu sentimento nacional, cultuando sua pátria e seu exército. Porém, depois de 1918, viu-se mergulhada em crises, dividida e com seu valoroso exército reduzido a apenas 100.000 soldados. O povo teve a sensação de estar à mercê de outros países e de que, a qualquer momento, poderia ser conquistado e escravizado, principalmente devido a ameaça comunista que batia à sua porta. Este era, portanto, o clima ideal para Hitler. Não fosse ele, seria outra pessoa com a mesma intenção, a assumir o poder e o povo, em seu “desespero” comprou a ideologia de Hitler para si, como teria feito com qualquer outro, já que necessitavam de um fio de esperança a seguir.

A Propaganda como tentativa coordenada de manipulação da opinião pública, através da utilização de meios de comunicação, foi pioneiramente utilizada pelo partido nazista, nos anos que antecederam e durante a liderança de Adolf Hitler da Alemanha (REES, 2013, p. 32). A propaganda nazista forneceu um instrumento crucial para a aquisição, manutenção do poder e para a implementação das suas políticas, incluindo o exercício de guerra total e o extermínio de milhões de pessoas por meio do Holocausto (GINSBERG, 2013, p. 46). A utilização generalizada da propaganda pelos nazistas é o grande responsável pelo conceito de "propaganda" adquirir conotações negativas no presente.

## 2.2 O PARTIDO NAZISTA NO PODER

Enquanto estava na prisão, após o fracassado *Putsch* da Cervejaria em 1923, Hitler escreveu *Mein Kampf*, que estabeleceu o seu plano de transformar a sociedade alemã com base nas raças. O pequeno Partido Nazista ganha notoriedade após a Grande Depressão de 1929, que deixou a Alemanha à beira da falência total, pois o país ainda estava tentando se reerguer da Primeira Guerra. A Crise atingiu em cheio a frágil economia alemã, causando uma crise econômica sem precedentes no país, levando a população a miséria e o desespero total; esse era o terreno ideal para que as ideias de Hitler florescessem, tornando-se fortes e conquistando a população.

Essas ideias reuniam elementos do antissemitismo, higiene racial e eugenia e combinava-os com o pangermanismo e o expansionismo territorial com o objetivo de obter mais *Lebensraum*<sup>15</sup> para os povos germânicos. Essas ideologias foram postas em prática logo após a chegada de Adolf Hitler ao poder, em 30 de janeiro de 1933, iniciando uma verdadeira

---

<sup>15</sup> Espaço para a autossuficiência econômica de uma população em expansão.

“caça às bruxas”, primeiramente contra a oposição política, mas rapidamente se expandindo para todos que não se inseriam na ideologia nazista.

Um exemplo dessa perseguição feita pelos nazistas foi o acontecido após o incêndio no *Reichstag* em 27 de janeiro de 1933, o qual foi atribuído aos comunistas, e se valendo disso, Hitler ordenou uma forte repressão contra o Partido Comunista Alemão, que fez cerca de quatro mil prisões de simpatizantes do comunismo (BUTLER, 2008, p. 59). Além disso, foram revogados os direitos e liberdades civis do povo alemão. Após esse episódio o Partido Nazista se fortaleceu ainda mais no poder e aprovou lei atrás de lei, levando o Estado a ser dominado completamente por Hitler.

Neste período, a Alemanha ainda estava em uma situação econômica terrível; milhões estavam desempregados e o déficit da balança comercial era assustador. Hitler sabia que reviver a economia era algo vital. Em 1934, usando gastos deficitários, projetos de obras públicas foram realizados. Um total de 1,7 milhões de alemães foram colocados para trabalhar nos projetos, só em 1934 (REES, 2013, p. 78). A média de salários tanto por hora, quanto por semana, começou a subir.

Em 2 de agosto de 1934, o presidente Von Hindenburg morreu. No dia anterior, o gabinete tinha promulgado a "Lei sobre o mais alto cargo de Estado do Reich", que afirmava que após a morte de Hindenburg, o cargo de presidente seria abolido e os seus poderes se fundiriam com os do chanceler. Hitler, assim, tornou-se chefe de estado, bem como chefe de governo. Ele foi formalmente nomeado como *Führer und Reichskanzler*<sup>16</sup> (REES, 2013, p. 102). A Alemanha era, agora, um Estado totalitário, com Hitler como seu líder, tornando-se assim o comandante supremo das forças armadas. A nova lei alterou o tradicional juramento de lealdade dos militares, para que eles afirmassem lealdade a Hitler pessoalmente, e não ao cargo de comandante supremo ou de chefe de Estado. Em 19 de agosto, a fusão da presidência com a chancelaria foi aprovada por noventa por cento do eleitorado em um plebiscito (BUTLER, 2008, p. 73).

A maioria do povo alemão ficou aliviada quando os conflitos populares da era Weimar chegaram ao fim. Eles foram inundados com campanhas de propaganda orquestradas por Joseph Goebbels, que prometiam paz e abundância para todos, em um país unido, livre do marxismo e sem as restrições do Tratado de Versalhes.

A sensação de alívio e a visível melhora na vida dos alemães era percebida em vários setores da sociedade. Para exaltar as melhorias promovidas, o regime nazista promovia

---

<sup>16</sup> Líder e chanceler.

paradas militares gigantescas, o Führer apresentava discursos longos e envolventes enfatizando o equilíbrio econômico aliado à diminuição da taxa de desemprego. De acordo com o historiador Laurence Rees (2013, p. 230), para a ampla divulgação de seus feitos, o regime se valia do uso do rádio e do jornal buscando apoio dos cidadãos para a reconstrução da sociedade alemã. Através destas ferramentas foi possível moldar o pensamento da população alemã, de acordo com os ideais nazistas, a ponto de fazê-los aceitar e concordar com o extermínio de judeus e com a guerra que despontava no horizonte.

Em abril de 1933, foram instituídas dezenas de medidas que definiam e regulamentavam o estatuto dos judeus, bem como seus direitos, tanto a nível regional, quanto a nível nacional. Iniciativas e legislações contra os judeus chegaram a seu ápice com a criação das Leis de Nuremberg (Figura 1) em 1935, que privava os judeus de seus direitos fundamentais.



Figura 1. As Leis de Nuremberg.<sup>17</sup>

Desta forma, os nazistas tomaram dos judeus não só a sua riqueza, mas também seu direito a casamento com não-judeus e seu direito de ocupar diversas áreas profissionais –

<sup>17</sup> Material divulgado à população para identificação dos “indesejáveis”. Disponível em: <https://www.ushmm.org/collections/the-museums-collections>. Acesso em: 06 fev. 2018.

exercício da advocacia, medicina e nas tarefas educacionais, por exemplo. Logo, o nazismo declarou os judeus como indesejáveis, negando-lhes até mesmo o direito de permanecer entre os cidadãos e a sociedade alemã. Sem dúvida, estas ações promovidas pelo poder do Estado, eram negligenciadas pelo povo alemão que desfrutava da significativa melhora econômica do país (REES, 2013, p. 105).

Os alemães que se recusaram a levar os judeus ao ostracismo e que mostraram quaisquer sinais de resistência à propaganda nazista eram reprimidos e colocados sob vigilância da *Gestapo*<sup>18</sup>, tinham seus direitos retirados ou eram enviados para campos de concentração. Tudo e todos tinham a sensação de estarem sendo monitorados na Alemanha nazista. O poder legitimado dos nazistas era assim realizado por suas atividades revolucionárias iniciais, em seguida, através da improvisação e da manipulação dos mecanismos legais disponíveis, através do uso do poder de polícia pelo partido (o que lhes permitiu incluir e excluir da sociedade quem eles escolhiam) e, finalmente, pela expansão da autoridade para todas as instituições estaduais e federais.

O regime tentou obter novos territórios ao atacar a Polônia e a União Soviética, com a intenção de deportar ou matar os judeus e eslavos que vivessem lá, vistos como inferiores à raça ariana e parte de uma conspiração judaica bolchevique. Outros grupos considerados como indesejáveis pelos nazistas incluía as pessoas com deficiência mental e física, ciganos, homossexuais, Testemunhas de Jeová e desajustados sociais.

Influenciado pelo movimento *Völkisch*<sup>19</sup>, o regime era contra o modernismo cultural e apoiava o desenvolvimento de uma extensa sociedade militar, em detrimento do intelectualismo. A criatividade e a arte foram sufocadas, exceto quando elas podiam servir como meios de propaganda. O partido utilizava símbolos, tais como a bandeira de sangue e rituais – como os comícios nazistas –, para promover a unidade e fortalecer a popularidade do regime. (CLARKE, 1985, p. 53).

Entretanto foi com a propaganda que o nazismo trilhou o caminho para ter sua ideologia divulgada a todos. Para tal feito, todas as mídias foram exploradas ao máximo. O crescimento político do partido nazista deveu-se, em grande medida, a intensa utilização do cinema; para Goebbels, o cinema era o meio mais moderno de influenciar a população na época (WELCH, 1993, p. 57). Foram produzidos cerca de 1.350 longas-metragens durante os doze anos de vigência do nazismo. Esta produção abrangia comédias, musicais, operetas,

---

<sup>18</sup> Polícia política nazista.

<sup>19</sup> O Movimento *Völkisch* era a interpretação alemã do movimento populista, com um enfoque romântico sobre o folclore do país

filmes de guerra e documentários que exaltavam o racismo e a xenofobia (WELCH, 1993, p. 60).

Os primeiros filmes abordavam temas ideológicos, com o objetivo de exaltar a militância partidária. Quando o tema tratava da guerra, o cinema nazista exaltava o heroísmo do regime e a brutalidade do inimigo. Na lógica de “a arte imita a vida”, os filmes nazistas retratavam os ingleses e os russos como os principais inimigos dos alemães. Os ingleses eram apresentados como fracos e ridículos; imperialistas e opressores. Os russos, nestes filmes, eram brutos e alcoólicos (WELCH, 1993, p. 62-64).

Neste sentido, Leni Riefenstahl foi, provavelmente, a mais famosa propagandista. O filme “O Triunfo da Vontade” é um dos exemplos mais conhecidos de propaganda na história do cinema. Este filme foi muito popular no Terceiro *Reich* e continua influenciando outros filmes, documentários e comerciais até os dias atuais.

A exemplo disto, os telejornais foram amplamente utilizados para obter apoio à causa nazista. Joseph Goebbels, o ministro da propaganda da Alemanha nazista, desempenhou um papel central na criação de material antissemita e pró-nazista para o partido. Ele estava no comando de uma máquina de propaganda que atingiu todos os níveis da sociedade alemã (BURRIN, 1989, p. 38).

Segundo o dicionário, propaganda é a tentativa coordenada de influenciar a opinião pública através da utilização de meios de comunicação (MAGNO, 1995, p. 728). Este sistema foi pioneiramente utilizado pelo partido nazista nos anos que antecederam e durante a liderança de Adolf Hitler. A propaganda nazista forneceu um instrumento crucial para a aquisição e manutenção do poder e para a implementação das suas políticas, incluindo o exercício de guerra total e do extermínio de milhões de pessoas através do Holocausto (OLIVEIRA, 2015, p. 89).

Durante a Segunda Guerra Mundial, as técnicas de propaganda foram cientificamente organizadas e aplicadas para influenciar a opinião pública. Hitler interessava-se e admirava os modelos de propaganda utilizados pelos ingleses. Na guerra, o objetivo da propaganda é sempre provocar o ódio: “A propaganda consiste em forçar uma doutrina nos povos inteiros.” (HITLER, 1925, p. 124).

Quando subiu ao poder em 1933, Hitler estabeleceu um ministério da propaganda dirigido por Joseph Goebbels. Em Berlim, Goebbels tornou-se o editor do jornal *Der Angriff*<sup>20</sup> que publicava constantemente difamações antissemitas (BURRIN, 1990, p. 29).

---

<sup>20</sup> O Ataque.

Os objetivos do ministério eram assegurar que a mensagem nazista fosse espalhada através da arte, música, teatro, filmes, livros, rádio, material educacional e da imprensa. O ministro da propaganda, Goebbels, tinha duas tarefas principais: assegurar que ninguém na Alemanha lesse ou visse ideias contrárias ao Partido Nazista e, assegurar que suas ideias fossem expostas da maneira mais persuasiva possível.

Joseph Goebbels, percebendo a importância da mídia impressa e sua influência na vida das pessoas, utilizou-se deste recurso em prol da ideologia nazista, fundando e financiando jornais em vários países. Essa produção massiva junto do Partido Nazista se disseminou por cerca de 83 países e, segundo a historiadora Ana Maria Dietrich, as filiais eram comandadas por Berlim que lhes enviava o material a ser veiculado nas mídias locais.

No Brasil, o público alvo desse material eram os imigrantes alemães e seus descendentes que, por não existir aqui uma política nacional para imigrantes, não se identificavam como brasileiros, mas sim, como alemães. Embora Hitler afirmasse em seus discursos que considerava alemães os descendentes até a sétima geração, o Partido Nazista brasileiro aceitava filiação somente de alemães natos e não de descendentes.

### 2.3 FASCISMO À BRASILEIRA

Entre o fim da Primeira Guerra e o início da Segunda, a Europa viveu uma das mais graves crises de sua história, cuja marca mais terrível foi o surgimento de uma nova forma de poder político e de organização do Estado: o totalitarismo. Nenhum regime anterior, nenhum tipo de tirania do passado, nem mesmo o absolutismo monárquico, se assemelhava a essa nova forma de controle do poder.

O totalitarismo tem por característica fundamental o terror permanente contra o indivíduo. A ponto de o Estado totalitário exercer controle, por meio da repressão, da propaganda ideológica e da supressão dos direitos individuais e coletivos, não só na vida pública, mas também na vida privada dos cidadãos.

A exemplo do que acontecia na Europa, onde a democracia liberal encontrava-se desacreditada e em diversos países vinham ascendendo ao poder governos totalitários, surgiram defensores da implantação de uma ditadura de direita no Brasil, semelhante à de Mussolini na Itália. Os defensores dessas ideias, em 7 de outubro de 1932, lançaram o “Manifesto de Outubro” fundando, oficialmente, a Ação Integralista Brasileira, liderada pelo escritor paulista Plínio Salgado. De inspiração fascista, esse movimento reunia em suas



fileiras intelectuais religiosos, alguns ex-tenentistas e setores das classes médias e da burguesia.

A AIB se estruturou a partir de vários grupos e movimentos de extrema direita, embora sua atuação se deu somente até 1937, quando Getúlio Vargas – presidente brasileiro – acaba com todos os partidos políticos após o golpe de Estado. Todavia, neste curto período de tempo, a AIB atuou intensamente no cenário político brasileiro, e até os dias atuais muitos consideram esse partido político como sendo a maior expressão da extrema direita no Brasil.

Tendo com lema “ Deus, Pátria e Família”, o integralismo era um movimento de caráter nacionalista, antiliberal, anticomunista e contrário ao capitalismo financeiro internacional. Os integralistas defendiam o controle do Estado sobre a economia e o fim da pluralidade partidária e da democracia representativa. Em seus desfiles, eles usavam uniformes verdes e ostentavam uma braçadeira com a letra grega *sigma*, escolhida como símbolo do movimento. Sua saudação era uma palavra de origem indígena *Anauê* (algo como “*hurra!* ”), que deveria ser proferida com o braço direito levantado.

A importância da AIB na sociedade do período é grande, tanto que chega a ter entre quinhentos a oitocentos mil filiados, um número bastante alto se levado em conta que a população brasileira, em 1935, era de cerca de 41,5 milhões de habitantes (MAIO, 2011, p.45). Apesar do integralismo ser um movimento político de cunho fascista, não pode ser comparado aos movimentos desse cunho na Europa. Muitos pesquisadores debatem sobre o assunto e, embora a ideologia seja igual ou semelhante em vários pontos, é necessário observar as especificidades de cada movimento antes de compará-los entre si.

Essa “ideologia curupira” que se aproximava do conservadorismo em suas críticas ao capitalismo liberal, tenta envolver toda a sociedade em seu projeto de soberania popular e cidadania, onde os cidadãos deveriam ser homogêneos e ativos perante os problemas sociais (ARAÚJO, 1988, p.21). Para Plínio Salgado, essa homogeneidade deveria ser absoluta, com a total negação das diferenças sociais, políticas e culturais e dos conflitos que elas produzem. Nota-se aqui, uma singela diferença ao se comparar com o nacional socialismo alemão que prega a soberania de uma única raça o que, por sua vez, seria praticamente impossível de se realizar no Brasil, dada a miscigenação da população brasileira.

Dentro do integralismo e por trás de sua ideologia há três líderes que tiveram papel de destaque na política brasileira na década de 1930. Através de suas posições intelectuais, dirigiam e conquistavam adeptos para o seu movimento: Plínio Salgado, Miguel Reale e Gustavo Barroso. Os dois primeiros eram responsáveis pela propaganda política e pelos

debates públicos da AIB e foram de grande importância para a expansão do integralismo, no período.

Entretanto, foi o cearense Gustavo Barroso o intelectual de maior destaque no integralismo. Jornalista, advogado e político, Barroso escreveu 70 livros sobre variados temas que vão desde ficção até política, o que lhe rendeu a presidência da Academia Brasileira de Letras, onde frequentava vestido com o uniforme do movimento integralista. Ele pregava o antissemitismo na academia de forma fervorosa, tanto era sua militância antissemita que escreveu vários livros e manifestos sobre o assunto.

Todavia não só no aspecto do antissemitismo que a AIB se parecia com os movimentos fascistas europeus, mas também nas características da propaganda nacionalista através de desfiles coreografados, discursos inflamados, uniformes, rituais, além dos pronunciamentos em rádios e no cinema. Davam o ar de um partido com ideais místicos a exemplo do nazismo, ou seja, sua propaganda legitimava a ideologia de que esse movimento era o portador da salvação futura, e o partido detinha a missão messiânica de salvar o país e levá-lo rumo a um futuro de glória, característica essa, presente no nazismo (ARENDR, 1989).

Como apresentado anteriormente, o integralismo pregava a homogeneidade da população, entretanto, para Gustavo Barroso essa homogeneidade não incorporava os judeus que eram vistos, pelo mesmo, como os responsáveis pela dependência financeira que o Brasil tinha em relação a outros países. Além disso Barroso buscava uma “raça mítica” no interior dos sertões brasileiros para formar um Brasil puro; essa busca se dava no interior do país, pois acreditava-se que no litoral e nas grandes cidades não seria possível encontrar esse brasileiro puro, devido à grande concentração de imigrantes.

A AIB era formada basicamente pela classe média brasileira, constituída de advogados, médicos, professores dentre outros; todavia, sob a bandeira nacional de combate ao comunismo e fortalecimento do país, o integralismo adquiriu a simpatia da Igreja Católica e de setores do Exército Brasileiro, além das mulheres que constituíam cerca de vinte por cento dos militantes do partido (MAIO, 2011, p. 52). Essas, por sua vez, participavam ativamente na vida política e nas manifestações, além de desempenhar o papel delegado a elas pelo integralismo: o de serem boas esposas, cristãs, patriotas. Essa participação feminina foi expressiva ao ponto de, em 1934, ser fundada, no Maranhão, a Ação Feminina Integralista (DEUTSCHE, 2001).

Outro setor brasileiro dos quais os integralistas buscaram apoio, foi dos imigrantes, em especial os italianos e alemães, principalmente após a ascensão de Hitler na Alemanha em

1933. Os integralistas acreditavam que, como os movimentos nazista e integralista compartilhavam ideologias, os alemães imigrantes iriam assimilar facilmente o integralismo brasileiro, fato que, segundo o historiador René Gertz (1987) não ocorreu, pois, os alemães, não se sentiam integrados ao Brasil e mantinham assim sua identidade política cultural vinculada à Alemanha. Um exemplo disso foi o resultado da eleição de 1935, na qual a votação obtida pela AIB dentro das comunidades alemãs é relativamente igual ao restante do país e, em vários casos, menor.

Quando Getúlio Vargas aplica o golpe de Estado em 1937, ele tem o total apoio da AIB, que esperava, com isso, ganhar cargos dentro do novo regime, fato esse que não se concretizou pois Vargas acabou com todos os partidos políticos em 1938, através do Decreto-Lei nº 383<sup>21</sup>, frustrando assim, os planos de Plínio Salgado e seu partido, ainda mais que Vargas nutria uma relação bastante amistosa com o partido nazista formado em solo brasileiro. Valendo-se dessa simpatia pelo partido nazista, Getúlio se apropriou das técnicas de propagandas de Joseph Goebbels para promover o seu próprio governo, o que desagradava ainda mais os integralistas, pois esses faziam forte oposição ao partido nazista já que esse não possuía viés voltado para a política brasileira, mas sim toda sua ideologia voltada para o Terceiro *Reich*.

Em seu governo, Vargas aplicava uma política internacional bastante perigosa e ao mesmo tempo interessante e lucrativa para o Brasil, pois ele negociava ao mesmo tempo com os Aliados e com o Eixo. Vargas identificava-se mais com este último, entretanto, ao fim da guerra, acabou aliando-se oficialmente aos Aliados. Essa entrada na guerra só ocorreu após muita pressão interna e externa, especialmente após o governo conseguir o financiamento da Usina Siderúrgica Nacional com os norte-americanos.

Para muitos especialistas, o Brasil entrou na guerra quando ela já estava ganha e mesmo que entrasse ao lado do Eixo, não haveria nenhuma possibilidade de mudança no rumo tomado pela guerra, todavia é louvável a fibra e garra com que os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB) combateram em solo europeu. Já em terras brasileiras, Vargas promoveu uma caça às bruxas contra os imigrantes alemães e italianos, fazendo com que muitos fossem presos e torturados pela polícia, a mesma que anteriormente havia sido treinada pelos nazistas para identificar e prender agentes comunistas no Brasil, passou a prender agentes nazistas, e imigrantes.

---

<sup>21</sup> De 18 de abril de 1938 que veda a estrangeiros a atividade política no Brasil e dá outras providências.

Para legitimar a caça aos imigrantes, Vargas valeu-se da ilegalidade do Partido Nazista Brasileira (PNB), visto que este não era registrado no Superior Tribunal Eleitoral (STE) (PERAZZO, 1999, p. 75), perseguindo os italianos, mas especialmente os alemães. Vargas possuía conhecimento deste fato desde sua fundação; entretanto, como as relações com a Alemanha eram proveitosas ao Brasil, nenhuma medida havia sido tomada contra o partido em território brasileiro.

Desta forma, pode-se afirmar que Vargas “protegeu” o partido. De acordo com diversos pesquisadores<sup>22</sup>, o regime varguista compartilhava de algumas ideologias políticas nazistas e fascistas, principalmente na luta anticomunista – conforme verificável nas obras que documentam casos como o de Olga Benário Prestes<sup>23</sup> – beneficiando-se das transações econômicas entre os países.

Quando firmado compromisso com os Aliados, visando legitimar esta aliança, Getúlio declarou a ilegalidade do PNB, passando a perseguir seus filiados e declarando todos os imigrantes e descendentes alemães inimigos da pátria.

Devido ao alistamento militar obrigatório a partir de 1942 (DIETRICH, 2007, p. 76) em virtude da guerra, o governo passou a ter mais controle sobre a população facilitando a identificação dos imigrantes, garantindo o sucesso na repressão dos “inimigos do Estado”.

A mudança ocorrida em um curto período, de amigos para inimigos, se deve, em grande parte, ao projeto do pan-americanismo estadunidense, já que seu território também sofria com a ameaça da ideologia nazista. A saída encontrada para barrar o avanço das ideias da Alemanha nazista na América foi a distribuição em massa da contrapropaganda, difundida principalmente pelo cinema hollywoodiano. Devido à pressão que o Brasil sofria dos Estados Unidos da América, e os altos investimentos que este aplicava no país, o Brasil também acabou adotando esse viés de propaganda.

Diante disso, o Brasil entrou na guerra ao lado dos Aliados, visto que estes praticamente já detinham a vitória e possuíam mais chances de apoiar o país, enquanto o Eixo, com suas tropas desgastadas não teriam força para tal feito.

---

<sup>22</sup> Ana Maria Dietrich, Eliane Alves e Priscila Perazzo.

<sup>23</sup> Olga Gutmann Benário Prestes foi uma militante comunista de origem judaica alemã, membro do Partido Comunista Alemão. Após conflitos no país natal, Olga fugiu para a União Soviética onde uniu forças ao Partido Comunista. Em 1934 foi enviada para o Brasil, junto a Luís Carlos Prestes, seu futuro marido, para apoiar o Partido Comunista Brasileiro; em 1935 orquestraram uma insurreição militar que ficou conhecida como Intentona Comunista. Após o fracasso do movimento, muitos líderes comunistas foram presos, inclusive o casal. Olga foi deportada para a Alemanha. Ela foi executada em 23 de abril de 1942, em uma câmara de gás no campo de extermínio de Bernburg. Sua história pode ser verificável na biografia escrita por Fernando Morais em 1994 ou no filme de Jayme Monjardim de 2004, ambos intitulados “Olga”.

A ameaça de invasão norte-americana no Brasil era constante na década de 1940, chegando ao ponto de ter sido desenvolvido um plano de invasão elaborado com entrada a partir do Nordeste, já que esta região possuía duas características estratégicas principais: era um entreposto para o Pacífico e garantia uma viagem curta, deste ponto até a África. Este plano ficou conhecido como *Plan Rubber*<sup>24</sup>.

Outro fator que justificou a criação deste plano foi o temor de que, uma vez derrotados na Europa, os comandantes do Eixo pudessem se reagrupar no sul da América, visto que esta região concentrava grande número de simpatizantes da ideologia nazista. Uma vez reagrupado, o regime poderia orquestrar uma contraofensiva aos Aliados, seguindo os moldes de 1939, quando a Polônia foi invadida pelas tropas alemãs, dando início a Segunda Guerra.

Diante dessas tensões e, tendo em vista a importância fundamental que a marinha mercante brasileira possuía no cenário europeu, como fornecedora de materiais primários e, principalmente, de alimentos, a frota foi atacada e marcada por diversas baixas, provenientes de submarinos alemães e italianos, cujas notícias estampam as primeiras páginas de vários jornais do período no país:



Figura 2. O Globo, março de 1942<sup>25</sup>.

<sup>24</sup> Plano da Borracha.

<sup>25</sup> Disponível em: < <http://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=1940194203>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

Foram vinte e uma embarcações atacadas, das quais dezenove foram completamente afundadas, segundo o especialista em história militar Ricardo Bonalume Neto. Desta forma, o governo de Vargas passou a enfrentar grande pressão popular para entrar efetivamente no conflito; por esse motivo o *Plan Rubber* foi cancelado. O historiador Túlio Vilela afirma que mesmo Vargas buscando uma posição de neutralidade – já que simpatizava com ideais nazistas – ao declarar aliança, não o faria ao Eixo, devido ao medo de seu vizinho rico: os Estados Unidos da América. Diante disso, a estratégia varguista foi transferir a responsabilidade da decisão ao povo, através da utilização de propaganda ideológica a fim de “guiar” a opinião popular.

No dia 22 de agosto de 1942, Getúlio Vargas reuniu-se com seus ministros no Palácio Guanabara. Depois de uma hora e meia de reunião, o governo anunciou que o Brasil estava em “estado de beligerância” com a Alemanha Nazista e a Itália Fascista. Na prática, era uma declaração de guerra, servindo como “[...] uma resposta à pressão que o governo vinha sofrendo da população, de ministros simpáticos à causa aliada e dos próprios americanos [...]” (TRESPACH, 2017, p. 25).

Diante desta nova realidade, Vargas passou a inundar o país com propagandas sobre a guerra – como fez o próprio regime nazista – exaltando os feitos da FEB e dos soldados aliados em solo europeu, ao mesmo tempo em que “denunciava” o mau nazista. Vários programas de rádio foram criados com a finalidade de incentivar o sentimento nacionalista do povo brasileiro; dentre os programas, pode-se destacar o “Esse é nosso inimigo” da rádio Difusora e “A História em Ação” da rádio Gaúcha (TORRES, 1999, p. 108). Além de despertar o sentimento nacional, esse “bombardeio” de informações antinazismo fez despertar certa suspeita aos imigrantes e/ou descendentes de alemães e italianos gerando a perseguição e repressão a essas pessoas, conforme já abordado.

### 3 NAZISMO EM FOCO: INSTRUMENTOS DE DIFUSÃO

*“A propaganda consiste em forçar uma doutrina nos povos inteiros”*  
(Adolf Hitler, 1925, p. 124)

Adolf Hitler, ao escrever sua autobiografia intitulada *Mein Kampf* em 1925, dedicou dois capítulos de seu livro à propaganda, sabendo da importância e do impacto que ela tem sobre as vidas das pessoas. Posteriormente, já em posição de poder, Hitler nomeia Joseph Goebbels como Ministro da Propaganda do *Reich*. O objetivo do Ministério era garantir que a mensagem nazista fosse transmitida com sucesso através da arte, da música, do teatro, de filmes, livros, estações de rádios, materiais escolares e imprensa em geral.

A propaganda nazista visava criar uma narrativa que justificasse os feitos da guerra, insistindo em uma perseguição, real ou imaginária, contra as populações étnicas alemãs que viviam em países do leste europeu, em antigos territórios germânicos conquistados após a Primeira Guerra Mundial (GINBERSG, 2013, p. 38). Desta forma, buscava-se, através desta propaganda, gerar lealdade política, além de uma “consciência racial” entre as populações desta região, em especial da Polônia e da Tchecoslováquia. Outro objetivo da propaganda nazista era mostrar a uma audiência internacional, principalmente às grandes potências europeias, que a Alemanha estava promovendo demandas justas e compreensíveis sobre o seu território após a derrota alemã na Primeira Guerra Mundial, bem como incentivava a passividade e aceitação de medidas extremas contra os judeus, buscando “reestabelecer a ordem” anterior a Primeira Guerra, conforme afirmou Hitler, em seu discurso em Nuremberg, em 1938, quando anunciou as leis de proteção do sangue alemão (GINBERSG, 2013, p. 39-40).

Hitler afirmava que todo alemão, dentro ou fora do território, pertencia a grande pátria alemã. Assim, a propaganda se expandiu mundo a fora, atingindo imigrantes por todo lado. No Brasil, não foi diferente; os imigrantes alemães receberam muito bem os discursos de Hitler, já que eles eram negligenciados pelo governo brasileiro com base na afirmativa de que já haviam desempenhando o seu papel em cultivar terras, firmando assim, as fronteiras do Brasil (ROCHE, 1969, p. 46).

Em virtude da falta de assistência do governo brasileiro, os imigrantes alemães construíram sua própria estrutura social, através da organização de escolas e igrejas. No século XIX, a educação não era prioridade no Brasil; em 1872, 99,9% dos escravos, 80% dos

livres e 86% das mulheres no Brasil eram analfabetos (DIETRICH, 2007, p. 256). Na Alemanha, por outro lado, a educação básica era obrigatória; assim, os alemães vindos ao Brasil, traziam junto esta mentalidade, o que resultou em analfabetismo quase nulo nas comunidades alemãs, enquanto no resto do país ela atingia 80% da população (DIETRICH, 2007, p. 260).

Como o governo não disponibilizava escolas públicas nas colônias para que os alemães aprendessem o português, os imigrantes fundaram escolas para seus filhos, nas quais ensinava-se o alemão padrão *hochdeutsch* embora em casa e na rua falassem seus dialetos regionais, de acordo com a educadora Valéria Contrucci de Oliveira Mailer<sup>26</sup>.

Em virtude destes fatores, não é difícil compreender porque foi tão fácil aos nazistas capturarem os corpos e mentes desses imigrantes. Como a alfabetização dos jovens imigrantes era feita a partir da língua mãe, o jornal tornou-se uma importante ferramenta de disseminação de toda a ideologia nazista, apresentando notícias cheias de feitos do *Reich* em prol do seu povo, firmando sistematicamente que nenhum alemão seria esquecido, conforme pode ser observado nas páginas do jornal *Deutscher Morgen*. Entrando através de uma série de espiões que estavam no Brasil, buscando difundir ainda mais o *Reich* no Estado brasileiro, várias matérias foram publicadas em jornais brasileiros, especialmente em localidades onde existiam maiores concentrações de imigrantes alemães, como é o caso do Rio Grande do Sul (HILTON, 1983, p. 58).

Outro veículo de grande importância, utilizado neste esforço de propaganda, foi o rádio. Devido ao fato deste estar presente na vida cotidiana dos brasileiros, em todas as camadas sociais, foi utilizado em larga escala como forma de fortalecimento tanto da identidade brasileira, por Vargas (LENHARO, 1986, p. 41), quanto por Hitler, para incentivar os alemães a aderir a causa nazista. Ainda conforme Lenharo (1986, p. 40), o rádio permitia, de forma simbólica, fazer o ouvinte se deslocar de sua realidade e se inserir no contexto apresentado, passando a vivenciar a realidade transmitida pelas ondas radiofônicas.

O uso da propaganda em regimes totalitários é tido como parte importante para a influência de opiniões e até mesmo da violência contra a população. A primeira só substitui a segunda à medida que a dominação vai se completando (ARENDRT, 2012, p. 591). A propaganda é, inicialmente, destinada aos elementos externos ao movimento, àqueles sobre os quais ainda não se detém o poder – estrangeiros –, já o terror é perpetrado entre aqueles já dominados que não mais oferecem resistência ao regime. No caso do nazismo, o terror

---

<sup>26</sup> Mestre em Linguística, membro do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, professora e coordenadora do curso de Licenciatura em Alemão da Universidade Regional de Blumenau (FURB).



alcança a perfeição com os campos de concentração e extermínio, onde a propaganda é completamente substituída pela violência (ARENDE, 2012, p. 593). Assim, o terror toma o lugar da propaganda como fonte de influência e convencimento.

Por estranho que possa parecer, os “estrangeiros” a que Hannah Arendt se refere, nas colônias do sul do Brasil, são os próprios brasileiros. Devido a grande divulgação da propaganda nazista em jornais e rádios, os imigrantes tidos como alemães natos, sentem que O Rio Grande do Sul é a sua própria Alemanha. Desta forma, os brasileiros assimilam facilmente os discursos de Hitler, uma vez que sentem-se acolhidos, enquanto imigrantes, pelo *Führer*.

### 3.1 DE ALEMÃO PARA ALEMÃO

O jornal *Deutscher Morgen* era um importante documento para a divulgação da ideologia nazista no exterior. No Brasil, ele circulou entre os anos de 1932 a 1941, e tinha como seu redator-chefe Hans Henning von Cossel, o chefe nacional do Partido Nazista Brasileiro (DIETRICH, 1997, p. 289). De acordo com registros catalogados pela historiadora Ana Maria Dietrich (1997), a redação do jornal estava localizada na Rua da Mooca, número 38, bairro da Mooca em São Paulo; o periódico era produzido na Alemanha e distribuído em vários países. No Brasil, era vendido pelo valor de 200 réis.

Em sua primeira edição no Brasil, o jornal estampa a foto de Adolf Hitler na capa, com sua pose sisuda em trajes militares, com medalhas conquistadas na Primeira Guerra, além de apresentar um discurso do próprio *Führer* sobre a ideologia de raça e pátria:

*“Für was zu Kämpfen haben, ist: Die Sicherung des Bestehens unserer Rasse und unseres Volkes. Die Ernährung seiner Kinder und Reinhaltung des Blutes, die Freiheit und Unabhängigkeit des Vaterlandes, auf dass unser Volk zur Erfällung der auch ihn vom Schöpfer des Universums Zugewiesenen Aufgabe heranzureifen vermag.”*<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> “Eis os objetivos de nossa luta: devemos assegurar a permanência da nossa raça e de nosso povo, o alimento de nossos filhos, preservar a pureza do sangue, a liberdade e independência da pátria, para que o nosso povo amadureça e consiga realizar a missão confiada também a ele pelo criador do universo.”. Tradução livre, feita pelo autor.



Figura 3. Deutscher Morgen, março de 1932<sup>28</sup>.

Mesmo com a criação do DIP<sup>29</sup>, em dezembro de 1939, pelo governo Vargas – que tinha por objetivo o controle da imprensa brasileira – pouco ou quase nada foi feito contra o *Deutscher Morgen* (DIETRICH, 1997, p. 299), empreendendo apenas dois atos de censura contra o jornal que pregava abertamente a ideologia nazista no Brasil. Essa censura quase nula ao jornal se deve, em grande parte, às relações de comércio entre o Brasil e a Alemanha, além de certa simpatia que os agentes do DIP nutriam pela ideologia nazista (OLIVEIRA, 2008, p. 87).

<sup>28</sup> Disponível em: < <http://www.portalfeb.com.br/der-deutschen-rio-zeitung-journal-alemao-do-rio/> >. Acesso em 02 mar. 2018.

<sup>29</sup> Departamento de Imprensa e Propaganda.

A aceitação dos ideais nazistas pelo DIP era tamanha que os editores do *Deutscher Morgen* publicavam e pregavam abertamente a adesão ao *Reich* e toda a sua ideologia, fato este, verificável na segunda edição do jornal, na qual a capa estampa uma canção antisemita em que os judeus são descritos como possuidores de potes de ouro, ladrões de câmbio e traficantes opressores do povo trabalhador. Nesta mesma canção, Hitler era descrito como o salvador que “acordaria” a Alemanha, quebrando as correntes com as quais os judeus tolhiam o povo e o país.

Também durante a Guerra Civil Espanhola, o jornal apresentava matérias de capa culpando os israelitas – descritos como “portadores do bacilo da peste vermelha do mundo” – pelo conflito.

Além de divulgar as ideias nazistas, o *Deutscher Morgen* relatava os acontecimentos da filial do partido no Brasil e publicava anúncios convidando os leitores a contribuírem financeiramente com o Auxílio de Inverno Alemão – um programa de ajuda aos setores mais pobres da sociedade germânica. Outro tipo de anúncio muito presente no jornal, eram os de alfaiatarias, relojarias, clínicas dentárias, confeitarias, restaurantes, bares, tinturarias, livrarias, banco e cervejarias – como a Brahma e a Antártica – demonstrando que toda a comunidade alemã possuía, mesmo que indiretamente, alguma ligação com o Partido Nazista.

Apesar de escrito em alemão, o jornal possuía bastante circulação. Tendo em vista que as escolas das colônias, em sua grande maioria, alfabetizavam os alunos somente no idioma do *Reich* (DIETRICH, 1997, p. 297), é compreensível a facilidade de acesso à informação através dele. A leitura do jornal incentivava o sentimento de pertencimento ao povo alemão, conforme os discursos de Hitler; desta forma, os imigrantes, esquecidos por Vargas, sentiam-se parte da Alemanha. Reflexo disso foram as grandes contribuições em dinheiro e o grande número de voluntariado para lutar na Europa (OLIVEIRA, 2008, p. 158).

A negligência sofrida pelas colônias alemãs, por parte do governo, devia-se, de acordo com Dennison de Oliveira (2008, p. 130), ao distanciamento destas, dos centros urbanos. Esse fator permitiu, durante muito tempo, que o Estado Brasileiro omitisse a oferta de serviços básicos nas comunidades, como escolas, hospitais, instituições culturais e de lazer. Em consequência, os colonos alemães financiaram, com seu próprio capital, a criação de instituições que suprissem a sua demanda; essas instituições eram, portanto, de alemães para atendimento exclusivo de alemães.

O *Reich*, tendo acesso a estas informações, passou a ajudar e financiar estas instituições, já que os discursos de Hitler defendiam o investimento em crianças e jovens, pois, de acordo com ele, os velhos estavam gastos, conforme afirma Dietrich (1997, p. 79).

Entre 1850 e 1930, o número de escolas mantidas pelas comunidades de origem alemã cresceu continuamente. No Rio Grande do Sul, por exemplo, elas passaram de 24 para 937 estabelecimentos de ensino (OLIVEIRA, 2008, p. 132).

Como um número expressivo da população sendo alfabetizada exclusivamente em alemão, era natural que a imprensa publicada nesta língua tenha encontrado um crescimento igualmente expressivo. Entre os vários jornais impressos em alemão no Brasil, desde o século XIX, destacava-se, além do *Deutscher Morgen* de São Paulo, o *Blumenauer Zeitung* (Jornal de Blumenau) e o *Urwaldsbote* (Correio da Mata), ambos provenientes de Blumenau em Santa Catarina; o *Volk und Heimat* (Povo e Pátria), almanaque de publicação semestral em São Paulo; o *Der Deutschen Rio Zeitung* (Jornal Alemão do Rio), do Rio de Janeiro; que juntos, estes e demais, somavam uma tiragem média de mais de 55 mil exemplares em 1934 (OLIVEIRA, 2008, p. 135).

O Rio Grande do Sul, em virtude de possuir forte concentração de imigrantes europeus, conta com a presença da imprensa em língua alemã desde o século XIX, quando o primeiro jornal impresso em língua alemã foi fundado no Brasil. O *Der Kolonist* data de 10 de agosto de 1852, tendo sede em Porto Alegre, foi fundado por José Cândido Gomes (BECKER, 1958, p. 123).

Entre os muitos jornais editados e publicados no Rio Grande do Sul, o que mais se destacou e teve maior tempo em circulação, foi o *Die Serra-Post*. Sua primeira publicação data de 12 de maio de 1911 (BECKER, 1958, p. 78), tendo deixado de ser publicado somente em 31 de dezembro de 1988, segundo o colunista do jornal Zero Hora, Ademar Campos Bindé<sup>30</sup>. Ainda de acordo com Bindé (2017), quase todo o povo gaúcho nascido até a década de 80, teve contato com o jornal em algum momento de sua vida; talvez não com seu nome original, mas com o título de Correio Serrano, visto que este sofreu alteração em 5 de novembro de 1917.

---

<sup>30</sup> Jornalista e presidente do Círculo dos Escritores de Ijuí – Letra Fora da Gaveta.



Figura 4. Cabeçalho do periódico alemão publicado em Ijuí<sup>31</sup>.

Por ora, basta afirmar que a mudança no nome em 1917, foi uma manobra para facilitar a circulação do jornal durante o período da Primeira Guerra Mundial e, a partir de 1933, o jornal passou a veicular, em suas páginas, propagandas do Reich (BECER, 1958, p. 80), sobre as quais serão expostas adiante.

Em abril de 1938, no auge da onda nacionalista, o governo Vargas restringiu a participação política partidária aos brasileiros natos, extinguindo o Partido Nazista – e também o Partido Comunista. Mesmo extinto, entretanto, não estava morto. Documentos encontrados no arquivo do Itamaraty pela historiadora Ana Maria Dietrich mostram que, antes da validade do decreto, o presidente recebeu o embaixador alemão no Brasil, Karl Ritter, para uma conversa. “[...] Getúlio disse ao diplomata que a medida não era punitiva aos alemães, à Alemanha ou ao Partido Nazista. [...]”, afirma a historiadora (1997, p. 45).

Em compensação pela proibição, o embaixador aceitou a doação de sacas de café, para auxiliar no “Programa de Auxílio Alemão de Inverno”. O que não se tem certeza, é se foi combinada entre eles, uma garantia de que os nazistas não seriam perseguidos (PERAZZO, 1997, p. 58). Fato é que nos primeiros anos após a proibição, o governo nada fez para reprimir as atividades dos nazistas. “[...] Até a entrada do Brasil na guerra, em agosto de 1942, mesmo ilegal o partido seguiu funcionando numa boa [...]”, afirma a historiadora: na embaixada alemã no Rio, uma bandeira nazista permaneceu hasteada até outubro de 1941; em abril de 1942, uma passeata reuniu cerca de dois mil nazistas uniformizados à luz do dia, no centro de Florianópolis (HILTON, 1999, p. 78).

<sup>31</sup> Disponível em: < [gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/03/um-jornal-alemao-que-fez-historia-9733865.html](http://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/03/um-jornal-alemao-que-fez-historia-9733865.html) >. Acesso em: 13 mar. 2018.

Em virtude destes acontecimentos, em setembro de 1941, como ato de afirmação da nacionalidade e fomentação dos símbolos e do idioma brasileiro, o título em alemão foi retirado da página inicial do periódico *Deutscher Morgen*. Em novembro, o jornal já era editado totalmente em português e passou a denominar-se “Aurora Ilustrada”. Pouco depois, a publicação foi extinta por completo. Em dezembro do mesmo ano, o *Deutscher Morgen* deixou de circular nas bancas do país.

### 3.2 JORNAIS BRASILEIROS A SERVIÇO DO REICH

No dia 20 de abril de 1940, Adolf Hitler completava seus 51 anos. Longe de sua terra natal, 456 alemães realizaram uma festa reservada, para comemorar essa data: no salão social do Clube de Atiradores de Blumenau, em Santa Catarina, eles se reuniram para um almoço típico, brindaram e deram vivas a Hitler (HILTON, 1983, p. 56). Na véspera, os 815 alunos entre 7 e 15 anos da Escola Alemã da Vila Mariana, em São Paulo, chegaram às 7 horas da manhã, como o habitual. Como todos os dias, saudaram a chegada dos professores em coro: “*Heil, Hitler*” (HILTON, 1983, p. 57). Na mesma época, em Porto Alegre, uma enorme bandeira vermelha com a suástica preta podia ser vista hasteada, tremulando no alto do morro de Santa Tereza (HILTON, 1983, p. 61).

A existência de simpatizantes aos nazistas no Brasil, nos anos 30 e 40 do século passado, nunca foi novidade. Porém, a partir de 1997, quando se tornaram públicos os arquivos da Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS) do governo de Getúlio Vargas, os pesquisadores<sup>32</sup> não passavam um dia sequer sem descobrir algo novo e surpreendente sobre o nazismo no país.

A historiadora Ana Maria Dietrich (1997, p. 34), professora da Universidade Federal do ABC, que durante anos pesquisou os milhares de documentos, entre inquéritos, fotos, panfletos, depoimentos e relatórios do DEOPS afirma que os documentos revelaram um nível surpreendente de influência nazista na sociedade brasileira, detalhando não apenas atividades partidárias e de propaganda, mas de espionagem e fraudes, além da conivência, e até da simpatia, com que essa ideologia contou entre as autoridades brasileiras.

Para compreender o fenômeno do nazismo no Brasil, é preciso lembrar como era a política nos anos 30 em solo brasileiro. Vivia-se sob a ditadura do Estado Novo, de Getúlio Vargas. Partidos haviam sido proibidos, políticos foram cassados, jornais e revistas, que não

---

<sup>32</sup> Ana Maria Dietrich, Eliane Alves e Priscila Perazzo.

fossem simpáticos ao governo, eram perseguidos. A Constituição imposta pelo getulismo era praticamente uma cópia da carta do ditador fascista italiano Benito Mussolini, de quem Getúlio não escondia ser admirador (MARIANTE, 2016, p. 25).

Datam do ano de 1924, os primeiros registros sobre um grupo, chamado genericamente de *Landesgruppe Brasilien*<sup>33</sup>, que pode ser identificado como um partido nazista no Brasil. Segundo Ana Maria Dietrich (1997, p. 45), desde o início a organização não era uma célula isolada e integrava uma rede mundial com outras filiais do partido presentes em 83 países, com 29 mil integrantes.

Ao contrário do estabelecido no imaginário, o “tipão” mais comum de um nazista no Brasil tinha pouco a ver com os colonos alemães que chegaram no século XIX. Geralmente, eram técnicos e empresários urbanos que viam o Brasil como uma *gastland*<sup>34</sup>, um abrigo temporário. “A principal missão dos membros era difundir o nazismo entre os alemães longe da Alemanha [...]”, afirma Ana Maria (1997, p. 48-49), “[...] Professores foram enviados de Berlim para lecionar em escolas alemãs e pregar o nazismo para os alunos. [...]”.

Ao que parece o nazismo no Brasil se difundiu, pelo menos no início, para os alemães e entre os alemães. Para a historiadora Priscila Perazzo (1997, p. 68) “[...] eles não queriam saber da política interna, de tomar o poder do Brasil ou convencer mestiços e não-arianos a adotarem as ideias de Hitler”. O partido trabalhava de olho nos problemas da Alemanha e dos alemães que viviam no exterior. Sequer estavam registrados no Tribunal Superior Eleitoral, e descendentes nascidos no Brasil eram proibidos de entrar. “[...] Não acredito e não há indício confiável de que os nazistas pretendessem influenciar drasticamente a política brasileira [...]”, afirma Priscila (1997, p. 70).

No entanto, um estudo do historiador Francisco Cesar (2005, p. 45-46), baseado em documentos do Arquivo Federal da Alemanha, mostrou que diante da iminência da guerra, entre 1936 e 1939, o partido recebeu do Terceiro Reich a missão de “paquerar” a opinião pública brasileira. Para isso, os nazistas controlavam ao menos 15 emissoras de rádios e 300 jornais espalhadas pelo país que transmitiam noticiários em português feitos em Berlim (CESAR, 2005, p. 54). Manchetes do Correio do Povo, em 1936, contavam das maravilhas da Alemanha sob o comando do *Führer*: a produção industrial crescia, os alimentos abundavam, o perigo semita estava sendo afastado e, em breve, a raça alemã estaria toda reunida; esta notícia foi reproduzida pelo Correio do Povo no dia 13 de outubro de 1936.

---

<sup>33</sup> O Grupo do País Brasil.

<sup>34</sup> Terra de ninguém.

Os ideais nazistas chegavam ao grande público brasileiro ainda em panfletos, livros ou pelo jornal *Deutscher Morgen*, que custava 200 réis e publicava na capa trechos de discursos de Hitler como este, de junho de 1934 (DIETRICH, 2007, p. 89): “Devemos assegurar a permanência da nossa raça e de nosso povo, o alimento de nossos filhos, preservar a pureza do sangue, a liberdade e independência da pátria”. É possível verificar que esta matéria foi republicada, em 23 de dezembro de 1936, pelo *Correio do Povo*, que convidava os leitores a participar de reuniões sobre o nazismo e “a tomar um chope Antarctica” na confeitaria Rocco na rua da Praia; esta confeitaria era a escolhida por estampar suásticas em seu balcão e possuir arquitetura tradicional de estilo alemão, sendo simpatizante do regime e dos ideais nazistas.

Os brasileiros adquiriam informações sobre a política mundial através dos jornais brasileiros, e através deles formavam suas opiniões com relações a eventos que ocorriam além-mar. Com esta informação, Hitler passou a denunciar os feitos da Europa contra a Alemanha na Primeira Grande Guerra, enfatizando os males impostos pelo Tratado de Versalhes (OLIVEIRA, 2008, p. 76). Por isso, em 11 de março de 1935, o jornal *Correio do Povo* trouxe na página 3 a matéria “O governo alemão denunciou as cláusulas militares do Tratado de Versalhes”. A matéria explicou que o tratado levou a Alemanha a uma profunda crise e instabilidade no país além de tê-la deixado à mercê do mundo, já que não podia constituir um exército forte. Desta forma, Adolf Hitler, pensando no bem-estar do seu povo, se mostrou como aquele que iria formar um novo exército mesmo que isso fosse contra o tratado e contra a Europa.





Figura 5. “O governo alemão denunciou as cláusulas militares do Tratado de Versalhes”. Jornal Correio do Povo, 11 de março de 1935.

Em 1936, ocorreram, na Alemanha de Hitler, os jogos Olímpicos. Estes jogos foram utilizados como uma importante arma de propaganda do regime. Apesar dos jornais brasileiros deste período depositarem o foco nos atletas olímpicos nacionais, quase que diariamente, não deixavam de relatar a estabilidade política e social alemã, que era vinculada a pessoa de Adolf Hitler. Conforme o Correio do povo de 11 de agosto de 1936, “A Alemanha antes de Hitler estava no caos completo, mas com Hitler a mesma parece ter recuperado sua estabilidade, e está prosperando a passos largos [...]”. A matéria vai além e destaca que os imponentes parques olímpicos, construídos para os jogos, são resultado da política progressista do *Führer*, em cooperação com o seu povo.

O *Führer*, através da propaganda, buscou construir, junto à opinião pública, sua imagem de um homem preocupado com a paz no mundo. Através desta preocupação, sua política externa se mostrou ativa. Na Espanha, por exemplo, ele reconhecia Franco como presidente, e juntamente com a Itália, enviou militares e equipamentos para que os conflitos internos naquele país pudessem ser resolvidos o mais rápido possível e sem derramamento de sangue do povo espanhol, de acordo com o Correio do Povo de 15 de fevereiro de 1937. A

matéria destaca também que este apoio só foi possível porque os governos da Alemanha e da Itália atenderam o clamor da maioria da população espanhola que, segundo os mesmos, apoiavam o general Franco e desejavam o fim do conflito.

Ainda inseridos na guerra civil espanhola, o Correio do Povo apresentava Hitler e Mussolini com os pacificadores da Europa e declarava que o mundo estava unido com estes para a formação de uma “nova ordem” baseada na paz, justificando assim a sua interferência na Espanha. A matéria ainda conclamava ao mundo que seguisse o exemplo do Führer nesta cruzada pela paz mundial, pois a Europa estava unida em torno disso, como é possível observar na reportagem de capa do dia 23 de março de 1938 do jornal:



Figura 6. Correio do Povo, 23 de março de 1938.

Todavia, a partir de 1938, não são mais encontradas matérias relacionadas a Alemanha, como era feita anteriormente de forma explícita, pois, o DOPS passou a controlar, de forma rígida, todo e qualquer veículo de informação e propaganda em solo brasileiro.

### 3.3 AS RÁDIOS DO *FÜHRER*

O início da história do rádio foi marcado pelas transmissões radiofônicas, sendo a transcepção<sup>35</sup> uma tecnologia utilizada quase na mesma época. Para alguns pesquisadores a primeira transmissão radiofônica do mundo foi a realizada em 1906, nos Estados Unidos por Lee de Forest, quando este experimentalmente testou a válvula tríodo. Contudo, as primeiras transmissões regulares com caráter de entretenimento, começaram a ser realizadas por volta de 1920, na Argentina e nos Estados Unidos.

No Brasil, a década de 30 marcou o apogeu do rádio como veículo de comunicação de massa, refletindo as mudanças pelas quais o país passava. O crescimento da economia nacional atraía investimentos estrangeiros, que encontravam no Brasil um mercado promissor. A indústria elétrica e a fonográfica proporcionaram um grande impulso à expansão radiofônica (CALABRE, 2002, p. 24). A Era do Rádio e a Era de Ouro dos Cassinos estão associadas a alguns artistas famosos que tiveram suas carreiras catapultadas pela divulgação no rádio e como palco de seus grandes shows, os famosos cassinos da primeira metade do século XX.

O Rio de Janeiro deste período, capital da República, era cheio de glamour, efervescência cultural e centro da política brasileira. O Cassino da Urca marcou época e, talvez tenha sido o mais famoso de todos. Grandes nomes do cenário artístico, nacional e internacional, lá se apresentaram. Entre os artistas nacionais, há de se destacar shows memoráveis como de Carmen Miranda, Emilinha Borba e Grande Otelo (CALABRE, 2002, p. 31).

Quando a Rádio Nacional foi fundada, no ano de 1936, o mundo inteiro mal reconstruído da Primeira Grande Guerra, pairava sobre a iminência da eclosão de um novo conflito. No Brasil, Getúlio Vargas governava com uma aparente legalidade (CALABRE, 2002, p. 53): fora eleito por uma Assembleia Constituinte, por ele própria nomeada, em 1934; conseguira debelar a Intentona Comunista, liderada por Luís Carlos Prestes (DEL PRIORE, 2017, p. 98); e, neste momento, o golpe que viria a implantar o Estado Novo encontrava-se em gestação. Foi neste cenário que a Rádio Nacional foi concebida.

A Rádio Nacional marcou a radiofonia no Brasil. Em seus quadros, brilhavam os talentos de Iberê Gomes Grosso, Luciano Perrone, Almirante, Radamés Gnattali e Dorival Caymmi. Em 1940, a Rádio Nacional foi encampada pelo governo de Getúlio Vargas e a

---

<sup>35</sup> Um transceptor é um dispositivo que combina um transmissor e um receptor, utilizando componentes de circuito comuns para ambas funções em um só aparelho. Se esses componentes não forem comuns, esse aparelho designa-se transmissor-receptor.

programação ganhou novo formato, sob a direção de Gilberto de Andrade (SAROLDI; MOREIRA, 2005, p. 76).

Em 10 de novembro de 1937, em plena campanha eleitoral do paulista Armando Sales de Oliveira e do paraibano José Américo de Almeida (seu candidato e ministro), Vargas surpreendeu o país com uma nova Carta Política, dissolvendo o Congresso e implantando o Estado Novo. Estavam iniciando neste momento, no país, as vendas dos receptores de ondas curtas que, no exterior, se tornaram o grande veículo da propaganda ideológica e cultural (CALABRE, 2002, p. 71).

Em 1932, entretanto, quando explodiu em São Paulo, a Revolução Constitucionalista, o rádio tornou-se o grande veículo de integração da sociedade. Também neste momento, na Alemanha, destroçada pela Primeira Grande Guerra, Adolf Hitler assumia o poder e, juntamente com Goebbels, seu ministro da propaganda, dominava o rádio, alçando a este um caráter fundamental para a comunicação com os alemães dentro do país e ao redor do mundo (HERF, 2014, p. 68).

Há de se recordar que não somente de destruição se consagrou o domínio nazista na Alemanha; a criação e desenvolvimento tecnológicos fizeram parte do esforço de guerra, estabelecendo avanços dos quais ainda hoje se faz uso, como é o caso do forno de micro-ondas. Contudo, a própria realidade da guerra solicita este avanço da tecnologia na busca de melhorias, principalmente de caráter armamentista. Sendo assim, este desenvolvimento não buscava o bem-estar social – mesmo utilizado para esse fim, atualmente –, mas sim superioridade de poder. O rádio foi umas destas tecnologias que se expandiram neste momento (HERF, 2014, p. 123).

Todo o poder que o governo nazista detinha sobre seu povo, devia-se a uma máquina de propaganda fantástica capaz de ludibriar e convencer a todos de que tudo o que faziam era correto e pelo bem maior. Essa característica garantia a impossibilidade de o cidadão comum ter conhecimento do que se passava fora das fronteiras nazistas, visto que eram utilizados todos os recursos disponíveis para impedir a entrada de informações externas que pudesse afetar os objetivos daquele governo.

Diante disso, Hitler e sua cúpula se empenharam em desenvolver e criar todo o tipo de utilidades voltadas especificamente para o uso do povo alemão como, por exemplo, o conhecido “carro do povo” que deu origem a marca *Volkswagen*. Da mesma forma, buscaram o desenvolvimento de receptores de rádio que pudessem levar sua propaganda a todos os lares alemães, ao mesmo tempo em que a sintonia com sinais de fora do país era dificultada (GINSBERG, 2014, p. 98).

O pontapé inicial deste desenvolvimento tecnológico se deu em 1933, quando Hitler tornou-se Chanceler da Alemanha e iniciou um trabalho de radiodifusão de propaganda organizado pelo Ministro do Interior Frick. Assim, em abril de 1933, engenheiros do *Heinrich Hertz Institute*, sob o comando do professor Leithäuser, mapearam toda a Alemanha, analisando as intensidades de campo em cada local, observando que, para obter cobertura total do rádio no território alemão, bastava um receptor muito simples em estações localizadas, com o bônus de que esses receptores teriam dificuldades em receber qualquer sinal externo (REES, 2013, p. 245). Surgiu, portanto, o conceito de *volksempfänger*<sup>36</sup>, que poderia ser fabricado em massa e distribuído para toda a população. O receptor, bastante simples – composto de uma configuração regenerativa e apenas três válvulas – recebeu o nome de VR301.



Figura 7. Receptor simples utilizado na Alemanha no início das transmissões radiofônicas<sup>37</sup>.

Este avanço tecnológico foi acompanhado de severas leis que proibiam a todos de sintonizarem qualquer emissora estrangeira. As punições para violações destas leis variavam entre cinco anos de prisão à pena de morte (REES, 2013, p. 246).

De acordo com a radialista Sabine Ochaba da *Deutsche Welle*<sup>38</sup>, quando o governo percebeu a importância da rádio na vida da população, assumiu o controle da *Reichs-*

<sup>36</sup> Receptor popular.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://www.newtoncbraga.com.br/>>. Acesso em: 02/04/2018.

<sup>38</sup> A *Deutsche Welle* é uma emissora internacional da Alemanha que produz jornalismo independente em trinta idiomas diferentes.



*Rundfunkgesellschaft*<sup>39</sup>, estatizou-a imediatamente e criou a ART 1431, a rádio Berlim, na qual o governo divulgava os discursos do regime. Estes discursos, veiculados na rádio, não permaneciam somente dentro do território da Alemanha; circulavam também por todo o mundo, através das ondas radiofônicas que sofriam pouca interferência no período, pois, de acordo com Michael Marek, também da *Deutsche Welle*, com a pouca quantidade de antenas de transmissão, o sinal se deslocava com maior facilidade pela atmosfera, alcançando os quatro cantos do globo. Desta forma, imigrantes e descendentes de alemães espalhados por todo o mundo tinham acesso à voz de Adolf Hitler, Joseph Goebbels e outros líderes do movimento, acompanhando suas ações em tempo real, mesmo longe do país natal.

Desta forma, aos imigrantes que estavam no Brasil, em especial no Rio Grande do Sul, era comum ouvir os discursos proferidos por Hitler, o que acabava por fortalecer o sentimento de pertencimento à pátria alemã, mesmo estando há mais de um oceano de distância. Um discurso veiculado pela ART 1431 que merece destaque, foi o feito por Adolf Hitler em 23 de março de 1933, na ocasião da assinatura da *Gesetz sur Behebung der Not von Volk und Reich*<sup>40</sup> do qual segue registro:

*Uns gefällt besonders das Schicksal der Deutschen, die außerhalb der deutschen Grenzen leben und an Sprache, Kultur und Bräuche gebunden sind und hart kämpfen müssen, um diese Werte zu bewahren. Die Bundesregierung ist bereit, alle ihr zur Verfügung stehenden Mittel zu nutzen, um die international garantierten Rechte der deutschen Minderheiten zu verteidigen.*<sup>41</sup> (HITLER, 1933).

Estas palavras, proferidas pelo *Führer*, tem profundo impacto aos alemães fora da Alemanha, já que seu discurso se encaixa perfeitamente na situação vivida pelos imigrantes. No Rio Grande do Sul, era comum encontrar nas casas dos imigrantes fotos de Hitler penduradas nas paredes (DRIETRICH, 2007, p. 167) que, para evitarem repressão do Estado Vargasista, usavam quadros com “duas faces”: quando agentes do Estado ou pessoas não alemãs visitavam suas casas, o quadro mostrava a imagem de Vargas; do contrário, era Hitler quem estampava o espaço. Dessa forma, é possível notar a clara adesão dos colonos aos ideais do regime nazista (DRIETRICH, 2007, p. 232).

<sup>39</sup> Sociedade de Radiofusão do Reich.

<sup>40</sup> Lei para sanar a aflição do Povo e da Nação.

<sup>41</sup> Levamos particularmente a peito o destino dos alemães que vivem fora das fronteiras da Alemanha e nos estão ligados pela fala, cultura e costumes, e têm de lutar duramente para manter estes valores. O governo nacional está disposto a usar de todos os meios a seu alcance para defender os direitos internacionalmente garantidos às minorias alemãs (Tradução livre).

A influência através da propaganda radiofônica era tamanha que nas colônias era perceptível a vivência de um regime semelhante ao vivido pelos alemães na Europa. O impacto disso por ser observado através de casos de antissemitismo ocorridos no Rio Grande do Sul. Entre os diversos casos, destaca-se aqui o do judeu de origem tcheca Robert Löw. Löw era diretor do jornal *Die Serra Post* – jornal este, de grande circulação no estado – e foi afastado de sua função (DRIETRICH, 2007, p. 235). Ele era casado com uma alemã considerada, pela lei de sangue de 1935, uma ariana pura. Após o afastamento de Löw, Raunegger, considerado um ariano puro, assumiu seu lugar.

A partir deste caso, o consulado alemão brasileiro declarou que havia um “enjudiamento” na sociedade gaúcha que, nas palavras do cônsul Ulrich Kuhlmann, o “problema judeu poderia ser agravado com a vinda de novos imigrantes da Europa” (DIETRICH, 2007, p. 236).

Todavia, com a entrada do Brasil na guerra, este quadro político no Rio Grande do Sul e no país foi drasticamente alterado. A produção em massa de propaganda antinazista despertou no povo brasileiro um sentimento de obrigação de combate e delação de supostos inimigos da pátria. Desta forma, deu-se início, neste momento, uma forte repressão a todos os imigrantes alemães, mesmo àqueles que não possuíam nenhuma simpatia ao regime nazista.

#### 4 IMPRENSA DE GUERRA: O NOVO SOLDADO DE VARGAS

*“Será vencedor aquele que souber como manipular forças,  
tanto superiores quanto inferiores.”*  
(Sun Tzu, 2014)

Na década de 1930, o mundo foi marcado pela ascensão de governos de cunho totalitários: na Espanha o general Francisco Franco; em Portugal Antônio de Oliveira Salazar; na União Soviética Josef Stalin; na Alemanha Adolf Hitler; na Itália Benito Mussolini, assumiam o poder. No Brasil, a situação política não era muito diferente; Getúlio Vargas governou o país por quinze anos ininterruptos, de 1930 a 1945. Entre os anos de 1937 e 1945 seu governo assumiu características de ditadura, a qual ficou conhecida como Estado Novo (MARIANTE, 2016, p. 23). Apesar de Vargas governar o país com mãos de ferro, ainda hoje ele é reconhecido popularmente como o “pai dos pobres” e seu governo dificilmente é retratado como uma ditadura (MARIANTE, 2016, p. 25).

Para se entender o governo Vargas e a participação do Brasil da Segunda Grande Guerra, é fundamental compreender o papel desempenhado pela propaganda neste período e como ela deu ares de legalidade e democracia a este governo (MOURA, 1984, p. 47). Em 1937, com uma suposta ameaça comunista no Brasil, Vargas fechou o Congresso, derrubou a Constituição de 1934 e instalou uma nova, popularmente conhecida como a “Polaca”, que aumentava seus poderes e o firmava no governo nacional. Com isso, Vargas mandava e desmandava, ao seu bel prazer, nos Estados e na vida da população brasileira. Desta forma, toda e qualquer suposta ameaça contra ele era repreendida fortemente (OLIVEIRA, 2008, p. 45).

Essa repressão era utilizada de forma igual, tanto para “amigos”, como para “inimigos” do Estado Novo. A Intentona Integralista é um exemplo claro desta repressão: Plínio Salgado e a AIB haviam apoiado a criação do Estado Novo com a esperança de que o Ministério da Educação fosse entregue ao partido; quando Vargas não cumpriu com este acordo, os integralistas resolveram tomar de assalto o Palácio da Guanabara. Esta ação, contudo, foi violentamente reprimida pelo exército e pela polícia. O saldo deste evento foram vários integralistas fuzilados sumariamente e outros mil e quinhentos presos; além disso, o presidente do partido, Plínio Salgado, foi exilado em Portugal (MARTIN, 2013, p. 65).



O episódio da Intentona Integralista foi apenas um exemplo da política de governo praticada por Vargas. De igual forma, o nazi fascismo era praticado na Europa e tinha por objetivo erradicar qualquer ameaça aos seus regimes. Entretanto, não era somente na repressão que o governo brasileiro se igualava ao nazismo, mas também em várias outras áreas, como é o caso da propaganda de Estado que tinha como principal característica legitimar o governo e fazê-lo ser aceito pela população destes países.

O governo varguista aprendeu com os nazistas a arte da propaganda, pois como destaca a historiadora Ana Maria (2007, p. 78) “[...] agentes do estado brasileiro foram enviados à Alemanha para estudar com a GESTAPO como prender e interrogar subversivos e como influenciar a opinião pública”. Com este aprendizado, em dezembro de 1939 foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), que passou a controlar toda a imprensa escrita e falada no Brasil, aumentando assim, o poder do Estado diante da opinião pública. A censura promovida pelo DIP era tamanha que, somente em 1942, mais de cento e oito programas de rádio e mais de quatrocentas músicas foram censuradas (MARTIN, 2013, p. 78).

Todavia, Vargas desejava o apoio total dos brasileiros, por isso deu início a uma série de reformas trabalhistas, buscando as graças do povo e, com isso, organizando um governo sem oposição (OLIVEIRA, 2008, p. 54). Essas reformas foram essenciais para o projeto de nacionalização e industrialização brasileira. Além disso, elas auxiliaram no crescimento da produção nacional, o que era fundamental para o governo no cenário internacional de negociações, pois, neste período, o Brasil não possuía uma moeda forte, promovendo uma política de “escambo” com a Alemanha, enviando matéria prima e recebendo produtos manufaturados, tecnologias e, principalmente, material bélico dos nazistas; isso supriu a demanda das forças armadas brasileiras no início da década de 1930 que era a modernização de seus equipamentos. Sendo assim, Vargas ganhava duplamente: enquanto entregava equipamentos de ponta para os militares, fortalecendo seu exército, supria reivindicações deste, recebendo seu maior apoio (OLIVEIRA, 2008, p. 34-35).

Os Estados Unidos não viam essa parceria entre o Brasil e a Alemanha com bons olhos, pois além das transações comerciais não possuírem base em nenhuma moeda, como se fazia em todo o mundo, essa relação ainda proporcionava uma crescente influência nazista no Brasil e na América (OLIVEIRA, 2008, p. 37). Os norte-americanos não aceitavam esta situação visto que colocava em risco seu futuro. Desta forma, o presidente Franklin Delano Roosevelt iniciou uma série de conversações, visando incentivos à indústria brasileira que resultaram ao alinhamento político entre Brasil e Estados Unidos, garantido a entrada

brasileira na Segunda Guerra ao lado dos Aliados (MOURA, 1984, p. 18). Embora, para Dennison de Oliveira (2008, p. 39), Vargas, aproveitando que a Guerra já se encaminhava para um fim, garantiu a entrada ao lado dos vencedores, apenas para aproveitar-se da situação do momento.

Este apoio aos Aliados fez Vargas romper relações diplomáticas com Hitler no início de 1942. A Alemanha, diante da situação, passou a bombardear navios brasileiros. Isto garantiu ao governo brasileiro a oportunidade perfeita para lançar campanhas visando “orientar” a opinião pública e buscar sua aceitação (OLIVERIA, 2008, p. 28) em virtude da “troca de lado” de Getúlio no cenário internacional. Diante disso, a imprensa teve papel decisivo, pois passou a noticiar as ações nazistas contra o Brasil de forma intensa, construindo assim a figura de um novo inimigo público – uma vez que os comunistas faziam parte do bloco Aliado – a ser combatido (BECKER, 1958, p 68), legitimando assim, a permanência de Vargas à frente do governo brasileiro.

Além dos vinte e cinco mil, oitocentos e trinta e quatro homens e mulheres da FEB enviados às pressas para combater na Itália (PEREIRA, 2015, p. 31) – apesar da falta do devido preparo, mesmo tendo recebido um treinamento improvisado nos EUA e terem se destacado em várias batalhas, sendo suas ações decisivas na tomada de Monte Castelo –, o Brasil contribuiu ainda com matérias primas para o esforço de guerra (FERRAZ, 2017, p. 87), lucrando com a extração de borracha, empregando cerca de cinquenta mil pessoas nesta atividade (PEREIRA, 2015, p. 32).

As manchetes nos jornais e na rádio surtiram o efeito esperado pelo governo e a população passou a clamar a Vargas por uma resposta militar perante as agressões nazistas. Esta resposta veio em 1º de setembro de 1942, pelo decreto-lei 10.358<sup>42</sup>, que declarava o Estado de Guerra total em território nacional. A primeira medida do Estado de Guerra foi o confisco de todos os bens dos imigrantes alemães, italianos e japoneses, sob a justificativa de impedir o envio de recursos financeiros para o Eixo. Esta medida foi bem aceita pela sociedade em geral, que via estes imigrantes como inimigos e traidores da pátria, exatamente como o governo desejava. Além disso, foi montada toda uma onda de programas de rádio e manchetes de jornais buscando fortalecer a figura de Getúlio Vargas como defensor do Brasil contra o nazismo, exaltando, através do nacionalismo, os feitos da FEB na Europa e apresentando as barbáries nazistas pelo mundo, incitando a população brasileira a denunciar

---

<sup>42</sup> Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-10358-1-setembro-1942-467907-publicacaooriginal-1-pe.html> >. Acesso em: 15 mai. 2018.

qualquer imigrante que poderia contribuir para o desenvolvimento deste mal no Brasil (TORRES, 1999, p. 51).

Percebe-se, neste período, uma inundação da indústria *hollywoodiana* no país, além de um crescente número de adaptações de peças de teatro e programas de rádio norte-americanos, com o objetivo de construir uma identidade comum nacional e combater a ideologia nazifascista que estava crescendo em toda a América (MOURA, 1984, p. 49). Com isso, o governo garantiu o aprisionamento da população através da implantação do medo social frente a esta ameaça criando, a partir deste, uma espécie de campo de concentração para toda a população que passa a ter a sensação de estar sendo constantemente vigiada.

A propaganda contra os imigrantes alemães foi mais intensa na região sul do país, devido a maior concentração destes ali localizados. Criou-se neste meio o temor de um levante dos imigrantes contra a nação brasileira, em virtude da associação aos Aliados ou mesmo através de agrupamentos de soldados alemães do pós-guerra, que poderiam, supostamente, organizar uma ofensiva contra os Aliados. Esta era, de fato, uma das maiores preocupações norte-americana, já que temiam a chegada da guerra ao seu território (DIETRICH, 2007, p. 98). Desta forma, tanto norte-americanos, quanto Vargas intensificaram o combate à ideologia nazista através da propaganda.

O temor ao nazismo levou o governo a adotar medidas de contenção utilizando-se de campos de concentração para imigrantes no Brasil. Com cerca de sete campos criados, distribuídos por todo o território nacional, de acordo com a historiadora Priscila Ferreira Perazzo (2009, p. 87), por volta de três mil pessoas foram realocadas a estes espaços. Através de todo o esforço da propaganda, a população legitimou esta prática e se viu no dever de contribuir com a nação, denunciando qualquer suspeita de envolvimento que pudesse se tornar uma ameaça à segurança nacional.

A seguir, será observado como todo este movimento da propaganda brasileira contribuiu para a criação de uma identidade uniforme no país e como a Força Expedicionária Brasileira foi explorada neste processo. Além disso, também serão discutidas as formas como Vargas se apropriou dos horrores cometidos na Europa, para legitimar seu governo e perseguir imigrantes.

#### 4.1 A GUERRA NO PAPEL

A partir das cinco horas e quarenta e cinco minutos de 1º de setembro de 1939, o mundo nunca mais seria o mesmo. Sob o pretexto de recuperar territórios perdidos após a Primeira Guerra, a Alemanha invadiu a Polônia e deu início ao conflito mais marcante da história da humanidade: a Segunda Guerra Mundial (REES, 2013, p. 105). Em poucas semanas, as maiores potências da Europa estavam empenhadas em derrotar o Eixo, liderado pelo ditador nazista Adolf Hitler. A vitória só seria alcançada seis anos depois, quando a guerra já cruzara o Atlântico e mobilizara também o Novo Mundo, com os Estados Unidos à frente (REES, 2013, p. 108-109).

Além do conflito bélico que exterminou mais de setenta milhões de pessoas entre soldados e civis, uma arma foi capaz de efeitos revolucionários, sem derramar uma única gota de sangue: a mídia (BURRIN, 1990, p. 134). Os diversos avanços tecnológicos do período permitiram que o potencial dos veículos de comunicação fosse plenamente explorado. Da manchete de jornal às ondas do rádio, dos acordes musicais à fotografia, das imagens em movimento projetadas em salas de cinema às histórias em quadrinhos vendidas em bancas de jornal (BURRIN, 1990, p. 38), todos os recursos foram convocados para a luta.

Nesta perspectiva, os jornais impressos ainda eram a principal fonte de informação no mundo. Alberto Dines (1974, p. 56) explica que no Brasil havia uma grande variedade de publicações, matutinas e vespertinas; as que chegavam às ruas no início da manhã, geralmente continham textos mais longos e elaborados, enquanto as impressas para publicação da tarde, traziam títulos mais vibrantes, textos curtos, fotografias e formatos diversificados. As agências telegráficas internacionais abasteciam as redações dos jornais com as informações do *front*; com a informação em mãos, restava aos redatores “driblar” a censura a que era submetida a imprensa brasileira durante a ditadura do Estado Novo, supervisionada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Mesmo assim, a guerra servia como pretexto para divulgação de títulos antifascistas e pró-democráticos (DINES, 1974, p. 59).

A partir da entrada do Brasil no conflito, a mídia promoveu diversas campanhas de mobilização da população para o esforço de guerra. Os jornais estimulavam a doação de borracha, cigarros e peças de metais para a fabricação de aviões (DINES, 1974, p. 67). Além destas ações, as donas de casa tiveram um papel fundamental: convocadas pela imprensa, organizavam as “Hortas da Vitória”<sup>43</sup> em escolas e clubes para diminuir o problema do

---

<sup>43</sup> Devido à escassez de alimentos que eram enviados para Europa, para o abastecimento das tropas aliadas, o governo criou o programa “Hortas da Vitória” que constituía a criação e manutenção de hortas comunitário em

abastecimento interno e ainda eram estimuladas a colaborar com a economia do gás através de métodos de cozimento alternativos (MARTINS; LUCA, 2008, p. 45).

Quando o Brasil declarou guerra ao Eixo, a repercussão deste fato foi imediata na imprensa escrita em todo o país, principalmente em virtude das “mãos de ferro” com que o DIP a controlava (MARTINS; LUCA, 2008, p. 54). Isto é perceptível através da análise de diversos jornais do período, espalhados por toda a nação, que traziam as mesmas manchetes ou matérias de capa semelhantes (MARTINS; LUCA, 2008, p. 60), como é o caso de manchetes como a do jornal *Correio do Povo*, de 1º de setembro de 1942 (figura 8), que se repete em jornais como o *Globo*, o *Correio Paulista* e outros.



Figura 8. “O Brasil em Estado de Guerra”, jornal *Correio do Povo*, edição de 1º de setembro de 1942.

Esta matéria específica, afirma que o governo atendeu uma demanda da sociedade brasileira ao votar pela entrada na guerra. Deve-se analisar, neste caso, até que ponto esta afirmação é verdade, ou mero resultado da propaganda do DIP e do governo de Vargas buscando atender suas pretensões políticas diante dos Aliados.

Após a mobilização midiática inicial sobre a guerra, a imprensa do país passou por um período de recuo destas informações, dedicando-se ao recrutamento da FEB, que acabou por se mostrar mais demorado que o esperado, visto que as forças armadas brasileiras eram atrasadas em tecnologia bélica; isto resultou em um atraso ainda maior no envio de auxílio militar para o *front* (OLIVEIRA, 2008, p. 23).

---

escolas, hospitais e presídios, para produzir alimentos para as pessoas que faziam parte desses lugares, assim o governo ficava livre para enviar todo alimento para o *front*. Era um programa que desejava que as mulheres participarem do esforço de guerra através da produção nestas hortas.

Contudo, mesmo neste atraso militar brasileiro, Vargas conseguiu lucrar politicamente, já que os norte-americanos, buscando a certeza da participação na guerra, passaram a treinar e equipar a força brasileira, atendendo reivindicações que esta fazia há algum tempo ao governo (OLIVEIRA, 2008, p. 25). Devido a este treinamento, entre 1942 e julho de 1944, houve pouca propaganda sobre a guerra nos jornais. Porém, a partir do desembarque no *front*, os jornais passaram a ser inundados de manchetes com as informações da guerra.

A partir de 1944, até o final da guerra, é possível observar, diariamente, manchetes sobre o confronto. Algumas banais como informações sobre o que os soldados comeram ou beberam naquele dia, e outras mais relevantes, contando vitórias e conquistas, bem como incessantes denúncias das atrocidades cometidas pelos nazistas.

Isto se deve, em grande parte, aos correspondentes de guerra brasileiros que acompanharam a FEB e eram responsáveis por enviar notícias aos seus jornais diariamente (DINES, 1974, p. 67), que passavam pela análise do DIP antes de serem publicadas. Desta forma, o DIP também coletava estas informações e redistribuía para o restante do país, em um esforço, não somente de informar os brasileiros, mas também de manter sua influência de forma igual em todo o território nacional (MARTINS; LUCA, 2008, p. 89).

Para o pesquisador Dennison de Oliveira (2008, p. 68) a “[...] Segunda Guerra Mundial é o primeiro evento dessa natureza coberto em grande escala pela imprensa e não o Vietnã, apesar desta ter um papel gigante da televisão [...]”. É inegável a cobertura da mídia, feita em massa, neste período; mais que isso, a propaganda de guerra no Brasil foi elaborada não somente para divulgação de notícias, mas também para firmar uma identidade nacional brasileira diante do conflito e a ameaça sofrida no mundo todo, mas principalmente em seu próprio território, através dos imigrantes que ali habitavam.

Esta dupla propaganda é visível em imagens disponíveis nos arquivos dos jornais, onde se podem observar soldados brasileiros do *front* lendo notícias dos jornais do país, buscando notícias de casa, demonstrando que a distância só aumenta o amor pela pátria mãe:



Figura 9. Soldados no front. Jornal O Globo – 07/09/1944. Fonte: Acervo O Globo<sup>44</sup>.

O jornal “O Globo” era um dos maiores e mais conhecidos jornais brasileiros no período. Entretanto, não foi o único a divulgar amplamente as notícias do front; no Rio Grande do Sul havia vários jornais circulando com estas informações. O jornal “Correio do Povo”, em especial, trouxe ampla cobertura do conflito mundial em suas páginas, fazendo uso, em várias matérias, de palavras e conceito que Hitler havia utilizado para conquistar o povo alemão no período pré-guerra, dos quais se destacam liberdade, civismo, heroísmo e outros. Exemplo claro deste uso, pode ser observado na matéria de 22 de fevereiro de 1945 que faz menção a vitória em Monte Castelo:

<sup>44</sup> Disponível em: < <http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/o-globo-expedicionario-na-guerra-16381660>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

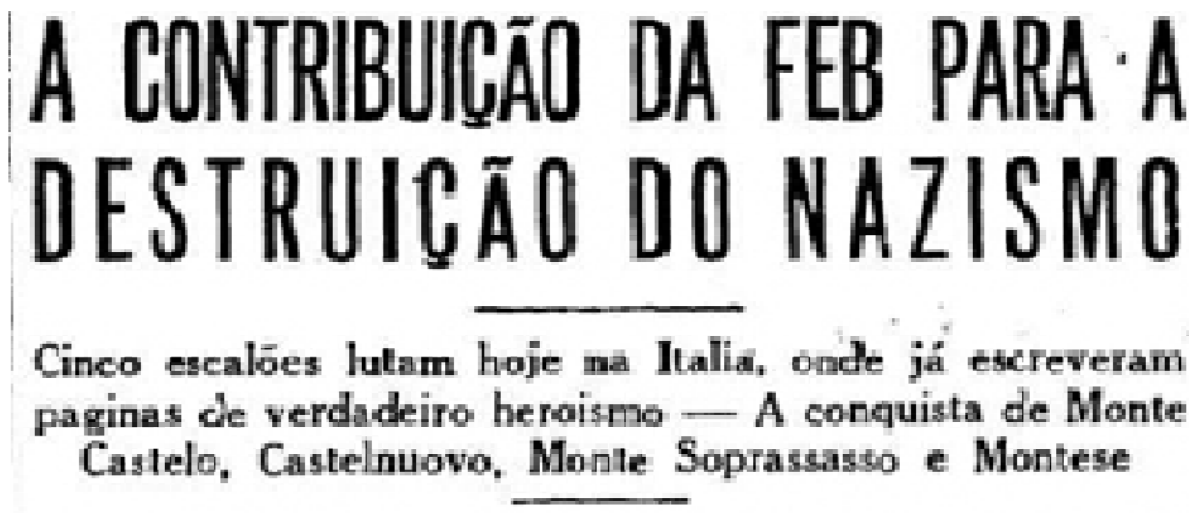


Figura 10. Correio do Povo. 22 de fevereiro de 1945.

Pode-se observar aqui, a similaridade do discurso nazista com o dos Aliados que, para combater um mal maior, legitimaram o uso da força bélica sem se importar com as consequências; pelo contrário, exaltaram seu uso como algo necessário para a garantia de liberdade e paz às pessoas. A morte de inocentes e de pessoas que ali estavam por obrigação, ficou em segundo plano.

Neste período, Vargas buscou também firmar uma ideia de que o povo brasileiro era cordial, diante do cenário mundial, noticiando largamente a abertura do país aos refugiados de guerra alemães e italianos, como é possível observar na matéria do “Correio do Povo” de 10 de março de 1945 (“Chegam ao Brasil 10 mil refugiados alemães e italianos”). Esta matéria vai além, afirmando que estes refugiados teriam no Brasil, um novo lar e um futuro promissor, longe da ameaça nazista. Esta ação, no entanto, contrasta com a política adotada por Vargas da manutenção de campos de concentração.

Entre as semelhanças do governo varguista com o nazismo está, sem dúvida, a criação de campos de concentração. Aliás, esta prática foi adotada por todos os países Aliados (OLIVEIRA, 2008, p. 89); todavia, eles não reconheciam a sua existência e repudiavam a existência destes no regime nazista (OLIVEIRA, 2008, p. 90). A repulsa gerada por este sistema garantiu que, quando libertos pelas tropas aliadas, os prisioneiros destes campos preocuparam-se em divulgar os horrores ali cometidos. A mídia criou uma série de reportagens e programas de rádio para denunciar estes feitos.

O Brasil produziu várias matérias sobre este fato, denunciando os horrores dos campos e afirmando que os mesmos acontecimentos poderiam ser cometidos contra a população brasileira caso os imigrantes nazistas não fossem detidos. De acordo com a matéria



veiculada em 30 de janeiro de 1945, pelo jornal “Correio do Povo”, intitulada “Poderia ser nós em vez dos judeus” a população deveria denunciar os “suspeitos” nazistas no Rio Grande do Sul antes que os gaúchos se tornassem os próximos judeus.

Para o pesquisador Dennison de Oliveira (2008, p. 93) “[...] os campos de concentração brasileiros em nada se assemelhavam aos campos europeus, pois seus prisioneiros eram livres até mesmo para fazer compras nas comunidades locais”. Ou seja, o governo tentava, através da propaganda, intimidar a sociedade para se manter no poder. Para isso, os imigrantes eram utilizados como o “mau” a ser combatido. Ao colocar a população nesta situação, Vargas ampliava os poderes sobre ela e a colocava em vigilância constante, tornando a sociedade em geral em um próprio campo de concentração.

Este estado de constante vigilância se manteve em alta até o anúncio da rendição das tropas nazistas, em 8 de janeiro de 1945 (OLIVEIRA, 2008, p. 102). Neste dia os jornais e rádios de todo mundo noticiaram, com exaltação, a vitória sobre Hitler. O jornal “Correio do Povo” não poderia deixar de documentar este importante acontecimento com a seguinte manchete:



Figura 11. “Venceu a democracia e a liberdade”. Jornal “Correio do Povo”. Caxias do Sul, 19 de maio de 1945.

A notícia divulgava a derrota nazista, exaltando o triunfo da democracia e da liberdade, destacando ainda a festa popular pela vitória da paz.

Com a chegada da FEB, em seu retorno ao Brasil, Getúlio fez diversos discursos e houve festa de norte a sul. A FEB foi exaltada por seus feitos de grande importância na Itália enquanto Vargas se aproveitava disso para promover o Brasil frente à comunidade internacional como um país que lutava pela paz, um país pacífico, mas, ao mesmo tempo, guerreiro (OLIVEIRA, 2008, p. 123). Com estes ideais, diante de sua própria população,

Vargas se firmava como um governante atencioso, que cuidava de seu povo, combatendo ameaças de inimigos externos e internos (MARIANTE, 2016, p. 45).

A propaganda teve um papel fundamental neste período e fez de Vargas um personagem que entrou para a história e para o imaginário de todos os brasileiros, não só contemporâneos a eles, mas das gerações futuras também. Ainda hoje é comum ouvir que Vargas foi o melhor presidente do país, o “pai dos pobres”, aquele que governou para o povo; esta imagem é uma construção elaborada através da propaganda que obteve sucesso ao modelar pensamentos e criar a figura de poder de Getúlio Vargas.

## 4.2 SONS DO FRONT

- Alô, alô, senhores ouvintes da Sociedade Rádio Pelotense de Pelotas. Tenho o prazer neste momento de inaugurar o programa desta emissora, fundada por uma plêiade de cidadãos que tiveram a ideia deste grande empreendimento e, assim, vamos procurar, já que não temos ainda a prática necessária para o *mister* de um *speaker*, mas vamos procurar imitar os portenhos, que já são mais, um pouquinho mais antigos que nós no *métier*.<sup>45</sup>

Através desta transmissão, no dia 6 de junho de 1925 iniciava-se uma nova trajetória dos meios de comunicação no interior do Rio Grande do Sul: as ondas de rádio. Seu surgimento não poderia ser em outro lugar se não Pelotas, a então mais próspera cidade do Rio Grande do Sul, tanto cultural quanto economicamente. O município apresentava, portanto, as condições necessárias para o surgimento de uma associação amadora de radiotelefonia.

Havendo ali, uma elite com recursos financeiros suficientes, esta parcela da população sustentava, direta ou indiretamente, as frequentes apresentações artísticas que, com destino às capitais da Argentina e do Uruguai, paravam ali para uma curta temporada (FERRARETTO, 2007, p. 34-35); esta influência levou a esta elite o desejo pelo desenvolvimento radiofônico na cidade.

Em Porto Alegre, por outro lado, seguindo o ritmo da influência crescente dos Estados Unidos, o rádio nos anos 1930, teve ao seu microfone algumas atrações de difícil autenticidade após tanto tempo (MOURA, 1984, p. 74). Faziam sucesso neste momento,

---

<sup>45</sup> Reconstituição da primeira locução feita em Pelotas, levada ao ar no programa “Opinião Pública”, de 26 de setembro de 1977, apresentado por José Antônio Daudt, homenageando o Dia do Rádio. Fonte: Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

cantores e cantoras de pseudônimo, com suposto sotaque inglês, embora, quando soltavam a voz no idioma emprestado, era notável o acento tupiniquim ao ritmo de foxtrote.

A Rádio Sociedade Farroupilha, principal emissora da época, recorria a um *crooner*<sup>46</sup> americanizado para ganhar ouvintes e garantir seu sucesso: Bob Keeler, cujo sobrenome talvez traísse uma transcrição errônea do substantivo inglês *killer*, usado, na época, como uma gíria – o matador (FERRARETTO, 2007, p. 40).

No processo que garantiu a influência dos Estados Unidos, o cinema também teve papel de destaque, com astros de Hollywood que chegaram a ganhar correlatos no imaginário local (MOURA, 1984, p. 29). Assim dizia-se, por exemplo, que os galãs da Farroupilha, Ernani Behs e Walter Ferreira, eram o Tyronne Power e o Clark Gable da Rua da Praia – a rua dos Andradas, mais tradicional via do centro da capital gaúcha e que, na época, prestava-se ao *footing*<sup>47</sup> de final de tarde da burguesia local (MOURA, 1984, p. 48).

A importância dada a esse veículo de imprensa era tanto que, no dia 28 de janeiro de 1942, o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha anunciou em primeira mão, através do rádio, o rompimento com as forças do Eixo – Alemanha, Itália, Japão e seus aliados (VARGAS, 1995, p. 451). O rádio não ficou alheio à entrada do país na Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados – Grã-Bretanha, EUA e União Soviética.

A rádio Farroupilha, por exemplo, passou a retransmitir o programa “Boa Vizinhaça”, criado em Washington, que apresentava algumas questões da política de mesmo nome lançada em meados dos anos 1930. Durante a 8ª Conferência Pan-americana ocorrida em Lima, no ano de 1939, o governo Roosevelt reforçou a posição de sua política, com a pretensão de desencadear uma ofensiva sobre os demais países do continente e assegurar o mercado destes para si (MOURA, 1986, p. 20).

Através da transmissão do “Boa Vizinhaça”, irradiado de segunda-feira à sábado, das 21 horas às 21 horas e 15 minutos, os ouvintes do Rio Grande do Sul foram sendo inseridos no contexto do conflito pela ótica dos Estados Unidos, complementada pela Grã-Bretanha, presente no noticiário e nos comentários da *British Broadcasting Corporation*, transmitidos de Londres, diariamente das 21 horas e 15 minutos às 21 horas e 30 minutos (MOURA, 1986, p. 21).

A rádio Farroupilha, em julho de 1943, incluiu ainda, em sua programação, o satírico “Barão Eixo”, ridicularizando o inimigo nazista; e o rádio teatro semanal “Brasil na Guerra”,

---

<sup>46</sup> Nome usado para designar um cantor que canta todos ou vários gêneros musicais, e que, normalmente, dá preferência para músicas da atualidade, que estão na moda.

<sup>47</sup> Do verbo inglês “ir a pé”; nada mais era que a paquera daquele período, que se caracterizava por caminhadas nas praças e ruas da cidade.

como é possível observar as chamadas nos anúncios do “Diário de Notícias”, focalizando o esforço de guerra do Brasil e a contribuição do país para a vitória das Nações Unidas.

**O BRASIL NA GUERRA**

Uma nova, original e palpitante série de programas de rádio-teatro, focalizando o esforço de guerra do Brasil! Saiba como estamos contribuindo para a vitória das Nações Unidas! Ouça "O Brasil na Guerra", sintonizando para:

**RÁDIO FARROUPILHA**  
PRH - 2 — 600 Kcs.

**TODOS OS DOMINGOS, ÀS 19 HORAS**

Figura 12. Anúncio do programa O Brasil na Guerra (1943)<sup>48</sup>.

Já a rádio Difusora, começou a transmitir, em 1º de abril de 1943, o programa de comentários “A Marcha da Guerra”; enquanto isso, a rádio Gaúcha lançara a “Marcha do Tempo”, atração semelhante em conteúdo e denominação.

<sup>48</sup> Fonte: Diário de Notícias, Porto Alegre, 19 set. 1949. p. 15.



Figura 13. Anúncio do programa A Marcha da Guerra (1943)<sup>49</sup>.

O Arquivo Nacional do Rio de Janeiro guarda inúmeras séries e peças de rádio dramaturgia que eram distribuídas para emissoras de todo o Brasil, pela Agência Nacional, criada nos anos 1930 por Getúlio Vargas. A agência atuou em parceria com a Rádio Nacional na distribuição e transmissão do conteúdo que “[...] era tanto informativo quanto ideológico [...]” (FERRARETTO, 2007, p. 96). “Esse é nosso inimigo” foi um dos programas criados pela Agência e transmitido pela rádio nacional e retransmitido pela rádio Farroupilha e Guaíba no Rio Grande do Sul (FERRARETTO, 2007, p. 98). O programa foi veiculado entre 1943 e 1944 a partir das 19 horas, com duração de trinta minutos cada episódio aos sábados. Seu conteúdo foi produzido originalmente em Nova York e foram baseados no relato de histórias do *front*, enviadas por correspondentes norte-americanos.

Não somente Vargas utilizou o rádio de forma intensa; todos os regimes totalitários à época, se valeram do seu uso. Além de ser novidade do momento, era um meio acessível e praticamente toda casa possuía um. Desta forma, as famílias sentavam a sua volta para aproveitar seus momentos de lazer e, ao mesmo tempo, obtinham informações sobre os mais variados assuntos, uma vez que até então, este papel cabia apenas ao jornal que era comercializado apenas em grandes cidades e, mesmo nestas, devido ao seu preço, não era acessível a todos, enquanto o rádio atingia do homem do campo à elite urbana.

A presença do rádio no Brasil, de acordo com Alcir Lenharo (1986, p. 41), foi um fator essencial para a “perda da dupla identidade”, ou seja, o rádio teve importante papel na formação de uma identidade nacional brasileira na década de 1930. Além disto, Lenharo afirma que, através do rádio, todos sentem-se parte da vida pública e política do país, sem distinções de classe, cor, credo ou gênero (1986, p. 43).

<sup>49</sup> Fonte: Correio do Povo, Porto Alegre, 17 set. 1943. p. 3.

Foi com a finalidade de “integrar” e criar uma identidade nacional que programas como “Programa Nacional” foram criados. Em 1935, o conhecido “A Voz do Brasil”<sup>50</sup>, criado pelo governo de Vargas, cumpriu uma importante função de manipular e aprisionar mentes e corpos da população através da manipulação de opiniões sobre os mais variados temas. O programa era obrigatório na época – e se mantém obrigatório até os dias atuais – e tornou-se um importante instrumento de propaganda antinazista n período da guerra.

“Na Guanabara, 19 horas, o presidente Getúlio Vargas, atendendo uma demanda da população declarou o Estado de Guerra contra a Alemanha Nazista”. Foi com esta introdução que se iniciou “A Voz do Brasil” do dia 31 de agosto de 1942. Através da análise de programas posteriores, é possível perceber que, a partir deste momento, quase diariamente haviam informações sobre a guerra e denúncias sobre as barbáries nazistas praticadas na Europa.

“A Voz do Brasil” foi um importante instrumento para legitimar a repressão empreendida aos imigrantes no período da guerra e além. Este fator é perceptível através da transcrição do programa do dia 1º de setembro de 1943:

A polícia gaúcha descobriu hoje, em São Leopoldo, uma colônia alemã, no sul do país. Um grande arsenal de propaganda nazista e um campo de treinamento militar para soldados do *Führer*. A ameaça alemã está cada dia mais presente em nosso solo, por isso, a qualquer suspeita, denuncie! Pois não seremos como os polacos que nada fizeram e agora sofrem horrores inimagináveis.

Para fortalecer o sentimento nacionalista e fortalecer a identidade nacional, no dia 7 de setembro de 1943, depois de relatar desfiles cívicos militares em todo território, surgiu a notícia de que um plano ofensivo havia sido descoberto no sul do país. A denúncia teria partido de um “patriota” e foi rapidamente combatida pela polícia:

Para encerrar essa edição, trazemos uma preocupante notícia vinda do Sul, onde a polícia, após uma denúncia, de um patriota brasileiro, descobriu e apreendeu vários alemães e vários planos de ataque a nossa pátria. Até quando vamos permitir que eles ajam assim no Brasil?

Outro programa de rádio veiculado neste período e que merece determinada atenção é o “Esse é nosso inimigo”, veiculado pela rádio Guaíba. Este programa faz uso de uma série de artifícios na busca de tornar seus roteiros o mais próximo possível da realidade, demonstrando assim, como “[...] o rádio permitia uma encenação de caráter simbólico e envolvente, estratégias de ilusão participativa e de criação de um imaginário” (LENHARO,

<sup>50</sup> Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/radio/programa/124-A-VOZ-DO-BRASIL.html>>. Acesso em: 29 mai. 2018.

1986, p. 40). Através de sons de tiros, motores, marchas e fanfarras, o programa se desenvolve, relatando os feitos heroicos dos Aliados, com destaque para os feitos da FEB e, denunciando as barbáries e mentiras pregadas pelo Eixo.

Visando reforçar o imaginário popular, os artistas que compõe o elenco interpretavam, com vozes maquiavélicas, frases e discursos atribuídos a Hitler, Göring, Goebbels, Himmler e outros; e, de forma magnífica, as vozes atribuídas aos soldados da FEB, e oficiais Aliados presentes no *front*. Sendo assim, o programa que deu início a esta série foi ao ar em 24 de abril de 1943 conforme o texto que se segue:

Eles falaram que não iriam subjugar os polacos, mas assim o fizeram. Falaram que iriam respeitar os franceses, mas humilharam os mesmos e ainda falaram que o povo brasileiro era amigo, mas o brasileiro não se enganou como os outros e foi à luta.

Neste momento, o governo tem como objetivo a criação de um novo “outro” no imaginário popular visando alcançar a legitimação do Estado Novo, uma vez que, ao entrar na Guerra junto aos Aliados, os comunistas – inimigos por excelência – tornaram-se aliados nos *fronts* europeus, então, por que não trazer o inimigo do mundo também para solos brasileiros? Desta forma, o programa passou a insinuar, de forma explícita, que os imigrantes alemães e italianos estavam sendo treinados e armados no interior do Brasil, aguardando uma ordem do *Führer* para conquistar o país. Para legitimar: “Enquanto nossos soldados lutam contra a opressão na Europa, temos que fazer o mesmo aqui, pois é sabido que os alemães e italianos são treinados e só aguardam ordens para trazer o caos em nosso solo amado”, programa transmitido em 22 de maio de 1943.

Como a aliança com os norte-americanos foi proveitosa para Vargas, surgiu uma preocupação em agradar este novo amigo de alguma forma. Assim, as fronteiras foram abertas para os produtos americanos e junto a isso, a ideologia estadunidense adentrou solo brasileiro, inundando o cinema de norte a sul além da divulgação de músicas em todas as rádios do Brasil (MOURA, 1984, p. 87). Além disto, os norte-americanos eram exaltados por treinar e equipar a FEB como é possível verificar nas seguintes transcrições: “Graças aos nossos irmãos dos EUA, podemos lutar e defender a liberdade”; “Nossos pilotos foram recebidos de forma espetacular pelos militares norte-americanos, que além de demonstrarem respeito pelos mesmos, estão treinando e lhes oferecendo os maíos modernos equipamentos de guerra”, que foram retiradas do programa veiculado em 7 de agosto de 1943.

Entretanto, é possível perceber, no decorrer dos programas, o objetivo do governo ao enfatizar a bravura dos feitos da FEB. Todos os episódios fazem referência aos soldados

brasileiros, engrandecendo seus feitos, afirmando-os como uma força militar destemida e persistente ante suas missões. É possível observar estas questões no programa de 8 de julho de 1944 quando afirmado que

ao chegar na Itália o nosso soldado se depara com um clima insuportável de frio e se pergunta como alguém pode deixar esse povo sem nada nesse clima? E isso dá moral para o soldado esquecer seu desconforto e lutar alegre contra o inimigo,

ao mencionar a chegada dos brasileiros na frente de combate na Itália.

Seguindo nesta linha de exaltação das forças armadas brasileiras que partiram para combater em solo estrangeiro, não causa estranheza que a vitória em Monte Castelo é retratada como o maior acontecimento da guerra, como observado na transcrição do programa de 24 de fevereiro de 1945:

nossos valorosos pracinhas conquistaram Monte Castelo, contrariando todas as expectativas e libertando aquele povo do domínio fascista, eles são recebidos com flores e distribuem seus próprios alimentos aos nossos irmãos italianos.

Através destes discursos, é possível observar os primeiros passos da formação de uma identidade nacional baseada em feitos de honra e bravura de um brasileiro que liberta povos e leva amizade a todos. Referindo-se a batalha de *Collecchio* na Itália, o programa de 28 de abril de 1945 afirmava “Os soldados do Reich preferem se entregar aos pracinhas, pois os mesmo não subjagam seus prisioneiros, mas os tratam com dignidade”. Há assim, uma tentativa de firmar o brasileiro como um ser superior aos moldes arianos propostos por Hitler, ou de Gustavo Barroso, intelectual integralista que defendia a procura de um brasileiro “puro” no interior do Brasil, através de seu livro “Alma Sertaneja”, de 1923.

Além da formação da identidade brasileira, é possível perceber nos trechos apresentados acima e nos demais, uma incessante procura por formar um povo brasileiro homogêneo e a criação de raízes para este, por meio do uso da força: a criação de leis que inibem os dialetos dos imigrantes e criminalizam suas ideologias e opiniões políticas conforme afirmação através d’A Voz do Brasil de 18 de julho de 1945, marcando o regresso da FEB ao Brasil:

assim como esses bravos e valorosos soldados que lutaram contra as ideias tirânicas, devemos agora, como nação, nos fortalecer em torno do nosso país como um todo e, sermos bravos como nossos soldados que morreram em solo estrangeiro.

Com isto é possível perceber a importância que a propaganda obteve na criação, não só de uma identidade brasileira, mas principalmente, durante a guerra, na construção de um



novo inimigo, legitimando as ações do governo naquele período. Desta forma, o presidente Getúlio Vargas, percebendo a força da influência dos meios de comunicação, utilizou as ações da FEB na Europa para seu proveito. Utilizando com inteligência a propaganda, ganhou a aprovação da opinião pública e se manteve frente ao governo.

Esta manipulação da propaganda efetiva naquele período, pode ser observada ainda nos dias atuais, uma vez que grande parcela da população brasileira mantém a crença de que Getúlio Vargas foi o “pai dos pobres” e isto demonstra os resultados de uma propaganda muito bem elaborada e que ultrapassou o seu tempo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho surgiu da necessidade de abordar um tema que, muitas vezes, paira no esquecimento da sociedade brasileira: o que está para além da história oficial dos anos 1930. É comum ouvir exaltações ao governo de Getúlio Vargas e as medidas tomadas por ele no período da Segunda Grande Guerra. Todavia, é necessário que se questione se as benesses exaltadas no imaginário popular são o que suas ações representaram de fato, ou apenas fruto do que a propaganda do período perpetuou.

Sendo assim, foi possível observar que, em grande parte, as ações tomadas pelo governo foram aceitas pela população em geral devido a legitimação imposta pela propaganda massiva estabelecida no momento. Assim, através do rádio e dos jornais, Vargas perpetuou sua figura como um dos melhores presidentes que já esteve à frente do governo brasileiro.

É, sobretudo, através da busca por esta “história não contada” do período do Estado Novo, que se fazem possíveis estudos e debates sobre estes acontecimentos, em uma tentativa, não de aprender com os erros do passado, mas sim de curar este trauma, impossibilitando que novos movimentos radicais tomem forma e se fortaleçam no país, gerando episódios de violência e caos social.

Contudo, é bem possível que devido a este esquecimento sobre o período do Estado Novo e a associação aos ideais nazistas tenha facilitado o surgimento do movimento neonazista no Brasil na década de 1980 (GERTZ, 2012, p. 23). A subcultura tem suas origens locais dentro do esgotamento do “milagre econômico” do regime militar, gerando perspectivas sombrias de futuro para a juventude de então. Tal contexto facilitou a assimilação, por grupos de jovens brasileiros, da influência do movimento neonazista internacional, enquadrando-se também em uma tendência global de expansão do movimento até então relativamente restrito ao seu berço, o Reino Unido, mas fortalecido pelo sucesso político da ultraconservadora e racista Frente Nacional Britânica.

Em períodos de crise e desilusão social, é possível perceber um crescimento de grupos radicais em qualquer sociedade. Embora o neonazismo não tenha estreita relação com o nazismo de Hitler, já que estes estão localizados em diferentes períodos e se faz necessária a observação da especificidade de cada um dos períodos, ambos movimentos se baseiam no ódio ao “outro”, geralmente caracterizados como minorias. Esses grupos minoritários são os mesmo que geralmente ficam esquecidos pelos governos, garantindo aos grupos radicais o sentimento de direito para agir com violência contra eles.

Atualmente no Brasil existem alguns grupos neonazistas atuantes. Estes grupos são frequentemente associados aos descendentes de alemães, especialmente no Rio Grande do Sul, em virtude da grande concentração de famílias descendentes de imigrantes. O historiador Rafael Athaides (2011, p. 102) assevera que não há justificativa em se fazer essa conexão, e destaca ainda que é pouco provável que haja qualquer ligação entre estes fatores. Para corroborar, um levantamento do perfil dos indivíduos presos acusados de praticar o neonazismo, mostra que nenhum deles é descendente de nazistas históricos. Tratam-se de jovens desajustados, “desprovidos de referencial identitário e que manipulam os signos do nazismo no mundo” (ATHAIDES, 2011, p. 105). Responsabilizar os descendentes de alemães do Sul pela sustentação de grupos separatistas e neonazistas acontece mesmo quando práticas qualificadas como “neonazistas” são praticadas por caboclos do interior do Pará. Esse tipo de estereótipo é criticado na obra do historiador René Gertz (2012, p. 31).

Um dos principais fatores que fazem com que o radicalismo neonazista se manifeste com violência no Brasil é a não aceitação, por parte de parcela da população, dos programas sociais promovidos pelo governo. Além da pauta de uma suposta “pureza racial” – que é praticamente impossível no Brasil, em virtude da miscigenação –, os programas sociais acabam atraindo a ira dos radicais, devido ao seu não entendimento do motivo destes programas, pois muitos defendem a meritocracia, sem a interferência do estado.

Contudo, a efervescência de grupos radicais não é uma exclusividade brasileira ou gaúcha: é possível observar, ao redor o mundo, o aumento destes movimentos radicais. Exemplos recentes destes casos podem ser vistos tanto nos Estados Unidos, quanto na Europa. Na Alemanha, onde o nazismo concretizou sua ruína no século passado, nota-se uma crescente onda radical que surge, em pleno século XXI e se firma com força dentro da política, como se pode observar nas últimas eleições ocorridas onde a AfD – “Alternativa para a Alemanha” –, um partido radical de extrema direita, conquistou 12,6% dos votos para o Parlamento<sup>51</sup>. Este fator se deve, em especial, pela política de imigração adotada pelo governo, que gerou desconfiança e insatisfação na população.

Todo este radicalismo, em muitos países, excede grupos de pessoas, e passa a fazer parte integrante dos governos que promovem verdadeiras limpezas étnicas, realocando populações inteiras, usando a violência como instrumento (GIDDENS, 2012, p. 467). Esta prática de realocação está cada vez mais presente no cotidiano social, a ponto de situações como estas não causar mais estranhamentos. Exemplos disso são visíveis em Ruanda e no

---

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/apos-eleicao-inedita-lider-da-extrema-direita-alema-abandona-partido-21871473>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

Sudão, que promovem limpeza étnica com base nas etnias ali existentes (GIDDENS, 2012, p. 468). Em muitos casos, esta limpeza chega a um ponto de ser considerada um verdadeiro genocídio, pois quando há resistência na realocação, as pessoas são executadas por agentes dos governos.

No século XXI, diferentemente, dos anos 1930, vive-se o ápice de um novo meio de comunicação: a internet. Através desta ferramenta, fronteiras entre pessoas, grupos e, até mesmo países, caem. A internet tem se mostrado uma excelente ferramenta de divulgação de informações, como o rádio e o jornal o foram a sua época. Contudo, a internet vem com algumas características a mais como, por exemplo, sua função como um meio de aproximação entre pessoas com mesmo pensamento ideológico, o que, em alguns casos, contribui para que o radicalismo ganhe forças.

Parece então, que a população fecha seus olhos diante de todos estes acontecimentos, como os alemães o faziam no regime nazista. Fatores como este podem ser percebidos quando casos de intolerância são notificados nos noticiários do rádio e da televisão: há uma descrença por parte de todos, como se através da negação estes episódios pudessem ser minimizados.

Vê-se claramente, uma crescente onda de intolerância e radicalismo no mundo não somente com grupos como os neonazistas, mas sim de grupos presente na rede e nos governos. Na década de 1930, esses grupos propagavam suas ideologias através da propaganda de rádio e jornal, todavia, na atualidade, as redes sociais assumiram este papel, em grande medida, devido as pessoas se sentirem mais “seguras” por trás da tela do computador. Justamente esta sensação de segurança, torna os discursos de ódio ainda mais perigosos.

Seja pela divulgação e uso da internet ou não, o momento vivido é caracterizado pela existência de vários grupos neonazistas. Como já apontado, o Rio Grande do Sul se destaca nesse campo com uma das maiores concentrações de neonazistas do Brasil. Cabe, portanto, a toda a população vigiar e atentar para o que é visto e o que é lido nas redes sociais, visando não fortalecer estes grupos radicais, visto que a história já demonstrou o quão perigosos os movimentos destes grupos podem ser.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós 1930**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen. **Totalitarismo e Revolução: O integralismo de Plínio Salgado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- ARENDT, Hannah. **As Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- ATHAIDES, Rafael. **O Partido Nazista no Paraná (1933-1942)**. Eduem: Paraná, 2011.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARROSO, Gustavo. **O que o integralista deve saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1936.
- BECKER, Klaus. **Imprensa em língua alemã (1852-1889)**. Enciclopédia Rio-Grandense. Porto Alegre: Regional, 1958.
- BEETHOVEN, Ludwig von. 9ª Sinfonia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=t3217H8JppI&t=2789s>>. Acesso em: 12 dez. 2015.
- BINDÉ, Ademar Campos. Um jornal alemão que fez história: Primeira edição do Die Serra-Post circulou no dia 12 de maio de 1911. **Almanaque Gaúcho**: Gaúcha ZH, 2017.
- BURRIN, Philippe. **Hitler e os judeus: gênese de um genocídio**. Porto Alegre: L&PM, 1990.
- BUTLER, Rupert. **A Gestapo: A História da polícia secreta de Hitler**. São Paulo: Escala, 2008.
- CHARTIER, Roger (Org.). **História da Vida Privada: Da Renascença ao Século das Luzes**. Volume 3. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.
- CLARKE, Nicholas Goodrick **As raízes ocultistas do nazismo: os ariosofistas da Áustria e Alemanha, 1890-1935**. Inglaterra: The Aquarian Press, 1985.
- COSTA, Elmar Bones da. **História Ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Já Editores, 1998.
- DEUTSCH, Sandra McGee. **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro Pós-1930**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

DIAS, Adriana. **Pesquisa mapeia o Discurso Nazista na Rede**. Unicamp, São Paulo: 2007. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/jornalPDF/ju380pag03.pdf](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/ju380pag03.pdf)>. Acesso em: 13 jun. 2018.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**. São Paulo: USP, 2007.

\_\_\_\_\_. Porta-Vozes de Hitler. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 20, p. 22-23, maio 2007.

DIETRICH, Ana Maria; PERAZZO, Priscila; ALVES, Eliane. **Inventário Deops: Alemanha**. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 1997.

DINES, Alberto. **O Papel do Jornal**. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

ESPORTE Espetacular. **O Brasileiro que enganou Hitler**. Programa de televisão. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=42sbm1VG7i4&t=502s>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio e Capitalismo no Rio Grande do Sul: As Emissoras Comerciais e Suas Estratégias de Programação**. Canoas: ULBRA, 2007.

FERRAZ, Francisco Cesar. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **O Brasil Republicano: O tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FICHTE, Johann Gottlieb. **Discursos à Nação Alemã**. Portugal: Temas e Debates, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, nazismo, integralismo**. Porto Alegre: Mercado Alegre, 1987.

\_\_\_\_\_. **O Neonazismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Porto Alegre: Penso, 2012.

GINSBERG, Benjamin. **Judeus contra Hitler: destruindo o mito da passividade judaica perante o nazismo**. São Paulo: Cultrix, 2014.

GOETHE, Johann Wolfgang. **Os Sofrimentos Do Jovem Werther**. São Paulo: Martins, 2007.

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

GOYOS JR, Durval de Noronha. **A Campanha da Força Expedicionária Brasileira Pela Libertação da Itália**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Ciência da Lógica**. Minas Gerais: Barcelona, 2011.

\_\_\_\_\_. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

HERF, Jeffrey. **The Jewish: Nazi Propaganda during World War II and the Holocaust**. Cambridge: Harvard University Press, 2008.

HILTON, Stanley. **A Guerra Secreta de Hitler no Brasil**. São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

HITLER, Adolf. **Mein Kampf**. São Paulo: Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **Mein Kampf**. Berlim: Franz-Eher-Verlag, 1925.

HOBBSAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780: Programa, Mito e Realidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

KOLIVER, Isete Maria. **Taquara do Mundo Novo: suas ruas, suas casas, genealogia de sua gente**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 1996.

KREUTZ, Lúcio. **Periódicos na literatura educacional dos imigrantes alemães no RS (1900-1939)**. Edição Eletrônica. Disponível em: <<http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT02-3019--Int.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. São Paulo: Papyrus, 1986.

MAGNO, Raul. **Magno: Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Difusão Cultural, 1995.

MARTIN, Carnoy. **Estado e teoria política**. São Paulo: Papyrus, 2013.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Dyeison; URBANI, Eugênio. **Delegado palestra sobre “Crimes raciais e intolerância – Neonazismo no RS” em Taquara**. Polícia Civil. Notícias. 20 abr. 2012.

Disponível em: < <http://www.pc.rs.gov.br/conteudo/14672/delegado-palestra-sobre-%E2%80%9Ccrimes-raciais-e-intolerancia-%E2%80%93-neonazismo-no-rs%E2%80%9D-em-taquara/termosbusca=neonazismo>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

MOURA, Gerson. **Tio Sam Chega ao Brasil: A Penetração cultural Americana**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

NETO, Ricardo Bonalume. Ofensiva submarina alemã contra o Brasil. **Grandes Guerras**. Artigos do Front. Disponível em: < [http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art\\_id=170](http://www.grandesguerras.com.br/artigos/text01.php?art_id=170) >. Acesso em: 06 fev. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para Além do Bem e do Mal: Prelúdio a uma Filosofia do Futuro**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

OLIVEIRA, Denisson de. **Os soldados alemães de Vargas**. Curitiba: Juruá, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os soldados brasileiros de Hitler**. Curitiba: Juruá, 2008.

OLIVEIRA, Dimas da Cruz. **O Essencial da Segunda Guerra Mundial: Grandes Líderes**. São Paulo: Hunter Books, 2015.

\_\_\_\_\_. **O Essencial da Segunda Guerra Mundial: Holocausto**. São Paulo: Hunter Books, 2015.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo**. São Paulo: IMESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Prisioneiros da Guerra: os súditos do Eixo dos Campos de Concentração (1942-1945)**. São Paulo: Fapesp, 2009.

PEREIRA, Durval Lourenço. **Operação Brasil: o ataque alemão que mudou o curso da Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Contexto, 2015.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. **O Historiador e suas Fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

QUEVEDO, Júlio. **História Compacta do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

REES, Laurence. **O carisma de Adolf Hitler: O homem que conduziu milhões ao abismo**. Rio de Janeiro: LeYa, 2013.



REICH, Wilhem. **Psicologia das Massas do Fascismo**. Escorpião, Porto Alegre: 1974.

ROCHE, Jean. **A Colonização Alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Léo. **Conheça o 'mapa neonazista' no Brasil**. Pragmatismo Político, 2013. Disponível em: < <https://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/04/conheca-o-mapa-neonazista-no-brasil.html>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ROLIM, Maria Helena. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

TORRES, Andrea Sanhudo. **Imprensa: política e cidadania**. Porto Alegre. Edipucrs, 1999.

TRESPACH, Rodrigo. **Histórias não (ou mal) contadas: Segunda Guerra**. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2017.

\_\_\_\_\_. **Passageiros no Kranich**. Porto Alegre: Alcance, 2007.

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. São Paulo: Hunter, 2014.

US Naval Institute Proceedings. **Records of the Office of the Chief of Naval Operations**. Plans. Orders & Related Documents. CINCLANT Oct 1941 to Dec 1942, Box 16. Rubber Plan. October 1999.

VARGAS, Getúlio Dornelles. **Getúlio Vargas: diário**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995.

VILELA, Túlio. Brasil na Segunda Guerra: **Terror no Atlântico**: Navios torpedeados e declaração de guerra. UOL Educação. História do Brasil. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/brasil-na-segunda-guerra---terror-no-atlantico-navios-torpedeados-e-declaracao-de-guerra.htm>>. Acesso em: 06 fev. 2018.

WAGNER, Richard. Die Walkirie. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=05eVjgMEuWs>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Triston und Isold, Prelude. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J-qaioG2UA>>. Acesso em: 12 dez. 2015.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na política brasileira**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

WELCH, David. **The Third Reich: politics and propaganda**. Oxfordshire: Taylor & Francis e-Library, 2007.

## APÊNDICE

A seleção dos programas de rádio consultados de “A Voz do Brasil” se deu a partir da percepção das datas marcadamente históricas do período, tais como a declaração de guerra do Brasil contra a Alemanha, ou a batalha de Monte Castello. Foram selecionados, portanto, os programas dessas datas, bem como o programa do dia anterior e o do dia posterior. Essa seleção foi possível devido à grande duração do programa e a sua veiculação diária de 1935. Além desses, foram ouvidos e analisados todos os trinta episódios da radionovela “Esse é nosso inimigo”, veiculado pela rádio Guaíba, programa esse que era semanal e possuía duração de 30 minutos.

<b>A Voz do Brasil<sup>52</sup></b>		<b>A Voz do Brasil<sup>53</sup></b>		
<b>1942</b>	<b>1943</b>		<b>1944</b>	<b>1945</b>
30 de agosto	21 de maio	06 de agosto	07 de julho	23 de fevereiro
31 de agosto	22 de maio	07 de agosto	08 de julho	24 de fevereiro
01 de setembro	23 de maio	08 de agosto	09 de julho	25 de fevereiro
	01 de setembro			27 de abril
	02 de setembro			28 de abril
	07 de setembro			29 de abril
				17 de julho
				18 de julho
				19 de julho

<b>Esse é nosso Inimigo<sup>54</sup></b>	
24 de abril 1943	13 de maio 1944

<sup>52</sup> Disponível em: <<http://redenacionalderadio.com.br/programas/a-voz-do-brasil>>. Acesso em: 08 mai. 2018.

<sup>53</sup> Disponível em: <[https://www12.senado.leg.br/radio/1/voz-do-brasil?&b\\_start=int=0](https://www12.senado.leg.br/radio/1/voz-do-brasil?&b_start=int=0)>. Acesso em: 12 mai. 2018.

<sup>54</sup> Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/noticias/2015/08/radionovelas-segunda-guerra-mundial-70-anos>>. Acesso em: 24 mai. 2018.